

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS  
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA  
Jonathan Rodrigues Louveira**

**ALIENAÇÃO, REIFICAÇÃO E FETICHE DA MERCADORIA: Experiência da vida  
cotidiana e filosofia em sala de aula**

Campo Grande – MS  
2022

**JONATHAN RODRIGUES LOUVEIRA**

**ALIENAÇÃO, REIFICAÇÃO E FETICHE DA MERCADORIA: Experiência da vida cotidiana e filosofia em sala de aula**

Dissertação apresentada à banca examinadora do programa de Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Pereira de Melo

Campo Grande – MS  
2022

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela dádiva da vida.

Ao meu orientador professor Dr. Ricardo Pereira de Melo, agradeço pela orientação, competência, profissionalismo e dedicação. Obrigado por acreditar em mim, pelo ânimo e incentivo. Tenho certeza que não chegaria neste ponto sem o seu apoio. Admiro e aprendo muito com sua visão equilibrada e sua tolerância a pluralidade de pensamento.

Aos Professores do Mestrado profissional em Filosofia da UFMS, pela dedicação, competência, apoio e todo conhecimento compartilhado. Com certeza se há acertos nesse trabalho, isso se deve em muito à colaboração desses professores, que ajudaram com ideias, correções e ânimo.

À minha amada esposa Jazmin, por todo amor, carinho, compreensão e apoio em tantos momentos difíceis desta caminhada.

*O pensamento dialético parte do pressuposto de que o conhecimento humano se processa num movimento em espiral, do qual cada início é abstrato e relativo. Se a realidade é um todo dialético e estruturado, o conhecimento concreto da realidade não consiste em um acrescentamento sistemático de fatos a outros fatos, e de noções a outras noções (Kosik, 1976, p. 41).*

## Resumo

A presente dissertação tem por objetivo analisar e desenvolver em sala de aula aspectos da dialética do cotidiano desenvolvida por Karl Marx, que posteriormente também foi trabalhada por Karel Kosik, Agnes Heller, Henri Lefebvre, entre outros. Conhecer e desenvolver aspectos dessa filosofia pode ser de grande valia para a análise e mudança da realidade concreta no cotidiano. O cotidiano é um mundo no qual o ser humano vive e se desenvolve. Quando se nasce ele já é imposto. É algo dado, mas não significa que não pode ser alterado, tanto em relação ao aspecto individual quanto ao aspecto social. O cotidiano esconde o mundo da pseudoconcreticidade, também conhecido como *práxis* fetichizada na linguagem marxista. Um mundo de aparências, de ações mecanizadas. Essa alteração pode ocorrer, portanto, através de um desvio (*détour*), isto é, da análise e reflexão sobre a realidade do cotidiano, sobre um prisma materialista. Esse desvio do cotidiano pode ser operado por meio da filosofia, arte e literatura. Deve, sobretudo, buscar relações do cotidiano mais transparentes e igualitárias, procurando dissipar a alienação e os antagonismos impostos pela sociedade capitalista, que reduz as relações humanas à relações de produtos, à reificação da mercadoria em detrimento do humano.

**Palavras-chave:** Cotidiano. Dialética. Alienação. Fetiche da mercadoria. Reificação.

## **Abstract**

The present dissertation aims to analyze and develop in the classroom aspects of the dialectic of everyday life developed by Karl Marx, and later also worked on by Karel Kosik, Agnes Heller, Henri Lefebvre, among others. Knowing and developing aspects of this philosophy can be of great value for the analysis and change of concrete reality in everyday life. Everyday life is a world in which the human being lives and develops, when we are born it is already imposed on us, it is something given, but it does not mean that it cannot be changed, both in relation to the individual aspect and the social aspect. Everyday life hides the world of pseudo-concreteness, also known as fetishized *praxis* in Marxist language, a world of appearances, of mechanized actions. Through a deviation (*détour*), this is the analysis and reflection on the reality of everyday life, on a materialistic perspective. This deviation from everyday life can be operated through philosophy, art and literature. This deviation must seek more transparent and egalitarian daily relations, seeking to dissipate the alienation and antagonisms imposed by capitalist society, which reduces human relations to product relations, the reification of merchandise to the detriment of the human.

**Keywords:** Daily life. Dialectic. Alienation. Merchandise Fetish. Reification.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	COTIDIANO E PRÁXIS: FILOSOFIA DA VIDA COTIDIANA.....	12
2.1	A Filosofia da vida cotidiana e o mundo da pseudoconcreticidade em Karel Kosik .....	12
2.2	A vida cotidiana em Henri Lefebvre; o capitalismo e sua dominação .....	17
2.3	A vida cotidiana em Agnes Heller; a possibilidade de elevação do indivíduo.....	20
2.4	O cotidiano e sua metafísica segundo Jadir Antunes .....	24
3	ALIENAÇÃO, REIFICAÇÃO E FETICHE DA MERCADORIA.....	28
3.1	Alienação: seu conceito e estrutura no trabalho moderno .....	28
3.2	A alienação, superficialidade do consumo e o mundo das possibilidades .....	34
3.3	A Reificação da mercadoria e o empobrecimento do homem.....	36
3.4	O Fetiche da mercadoria e as relações sociais invertidas. O desvio.....	40
4	A DIALÉTICA DO COTIDIANO E O MÉTODO NARRATIVO.....	45
4.1	O contexto da aplicação do projeto .....	47
4.2	As atividades aplicadas.....	48
4.3	APC: O cotidiano, o trabalho e o homem preocupado .....	50
5	A APLICAÇÃO DO PROJETO EM SALA DE AULA.....	56
5.1	Aula 1: o cotidiano, o trabalho e o homem preocupado .....	57
5.2.	Aula 2: o cotidiano e o trabalho.....	58
5.3.	Aula 3: fetiche e reificação da mercadoria .....	60
5.4.	Aula 4: a alienação e o homem preocupado .....	61
5.5	Narrativa dos alunos .....	63
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	67
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	69
	ANEXO: PRODUÇÕES DOS ALUNOS REFERENTES A APC .....	70

## 1. INTRODUÇÃO

O século XX foi marcado por muitas mudanças sociais e econômicas. O mundo chegou à beira de um colapso, fruto da Guerra Fria entre os Estados Unidos da América e a extinta União Soviética. Essa guerra evidenciou a bipolaridade que o mundo apresentava entre a visão capitalista e a visão comunista. Atualmente, no século XXI, o mundo fica sem uma alternativa plausível, pois se de um lado percebe-se a dominação de um capitalismo brutal, de outro se percebe os desastres para se implantar uma sociedade socialista, justa, democrática e com valores de liberdade (COSTA NETO, 2012, p. 100).

Embora o século XXI seja chamado de século da informação, isso não significa conhecimento ou reflexão. As redes sociais, no início do século XXI, revolucionaram a comunicação entre as pessoas, mas ao mesmo tempo, fez com que elas se distanciassem, pois o diálogo olho no olho já é muito raro. É perceptível uma alienação do homem pelo homem. As redes sociais e a realidade virtual como um todo têm contribuído para uma vida não concreta, para uma visão que carece de reflexão sobre as possibilidades de mudança do real.

Refletir sobre a realidade e o cotidiano é algo elementar para situar-se no mundo e pensar sobre como mudá-lo. O desenvolvimento do capitalismo, e com ele o da técnica, em grande parte tem contribuído para esse distanciamento dos homens entre si e do homem com ele mesmo.

Refletir sobre as relações da vida no cotidiano como base para a mudança social, para a emancipação do homem como ser autônomo e construtor de sua própria realidade, é um elemento importante no pensamento de Karl Marx<sup>1</sup>. Segundo Marx (1985, p. 76), a realidade só poderá ser alterada de maneira significativa, quando o cotidiano representar relações transparentes e racionais dos homens entre si e dos homens em relação à natureza.

Segundo Karel Kosik<sup>2</sup> (1976, p.11), vive-se em um mundo marcado pela pseudoconcreticidade. Esse conceito diz respeito a uma visão distorcida, alienada, não concreta, que o cotidiano pode fornecer à primeira vista, escondendo muitas vezes os antagonismos e possíveis irracionalidades que permeiam a realidade. O cotidiano é a fonte da realidade, pois é ele que pode revelar muito sobre o contraste entre a concreticidade e a pseudoconcreticidade. A concreticidade não é óbvia, necessita ser desvelada e é a partir do

---

<sup>1</sup> Filósofo alemão que viveu entre 1818 e 1883, conhecido por inaugurar a chamada filosofia materialista, seu pensamento serviu de base para implantação de sociedades comunistas no século XX.

<sup>2</sup> Karel Kosik foi um filósofo checo, que viveu entre 1926 e 2003, foi um dos grandes nomes do marxismo no leste europeu, foi um dos discípulos de Georg Lukács. É muito conhecido por seu livro *Dialética do concreto*.

cotidiano que isso acontece. O cotidiano é a fonte tanto da concentricidade, como da pseudoconcreticidade.

Segundo Agnes Heller<sup>3</sup> (2014, p. 33), o homem já nasce inserido em sua cotidianidade, encontra um mundo com sua estrutura cultural e política já estruturado. Destarte, o mais natural é ele ser levado por essa estrutura como se tudo fosse natural e dado dos céus como determinado. Nessa perspectiva, qualquer mudança se torna distante.

A realidade contém essa dualidade entre o pseudoconcreto e o concreto, entre a atividade cotidiana (*práxis* fetichizada) e a *práxis* concreta. A tarefa da filosofia deve ser a de encaminhar o homem à *práxis* concreta, uma vez que esta se diferencia pelo caráter intencional. Desta forma, buscar uma mudança em uma atividade “consciente”<sup>4</sup> e intencional é o que caracteriza essa *práxis*.

A realidade é processada de acordo com a vivência, com a produção do cotidiano. Refletir sobre a pseudoconcreticidade, começa a partir da reflexão do que é a realidade e como essa realidade impacta na vida das pessoas. Sem essa reflexão, o concreto ou a realidade em si é apenas uma mecânica diária.

Por meio do processo dialético<sup>5</sup>, isto é, da operacionalização da dialética do cotidiano, o homem pode operar um desvio em relação ao cotidiano pseudoconcreto, tendo condições de observar e refletir em seu dia a dia, buscando alterá-lo. Essa operação da *práxis* concreta sobre o cotidiano tem a finalidade de dar condições de se apropriar de uma visão ampla de mundo, de história e de construção social ao longo da civilização. Nesse percurso dialético, começa-se a desvendar a realidade. Conforme diz Karel Kosik:

[...] a “coisa em si” não se manifesta imediatamente ao homem. Para chegar a sua compreensão é necessário fazer não só um certo esforço, mas também um *détour*. Por este motivo o pensamento dialético distingue entre representação e conceito da coisa, com isso não pretendendo apenas distinguir duas formas e dois graus de conhecimento da realidade, mas especialmente e sobretudo duas qualidades da *práxis* humana. (KOSIK, 1976, p. 9).

A dialética do cotidiano busca refletir sobre a realidade humana, com o fim de transformá-la. Busca compreender a formação da consciência da realidade por meio das

<sup>3</sup> Filósofa marxista de origem húngara, discípula de Georg Lukács.

<sup>4</sup> No sentido de conhecer o processo histórico de produção material da vida, em como isso alterar as relações do homem com outros homens e dele com a natureza.

<sup>5</sup> O termo “dialética” aqui se refere à visão materialista da História, em como o homem pode construir sua história e também ser construído por ela. Essa noção de dialética em relação ao processo da consciência no mundo tem início com Georg W. F. Hegel, porém com Karl Marx ganha seus traços em relação a produção material da existência.

práticas humanas ao longo do tempo. O papel da filosofia, e mais ainda da dialética, é confrontar o objeto e sua essência. Nessa ótica o objeto seria a construção da realidade e por meio desse confronto buscar a realidade concreta. Não seguir esse caminho da dialética, provoca o risco de se viver somente a aparência, sem se compreender a essência. Quando se busca essa compreensão, pode-se operar melhor as transformações sociais.

Os adolescentes, estudantes do ensino médio, vivem a realidade, sem muitas vezes se perguntarem sobre o porquê de tal realidade se manifestar da maneira que se apresenta. Se existe algo através da aparente realidade, se algo molda o cotidiano, se há alguma ideologia ou estrutura que coordena tudo. Algumas perguntas podem contribuir para essa reflexão, como: Há alguma estrutura que determina o cotidiano? Se há, como pode ser percebida? Como pode ser alterada?

Essas questões são objeto de reflexão da dialética do cotidiano, por isso o estudo dessa dialética é importante para os estudantes adquirirem um pensamento crítico e autônomo, diferentemente do que é proposto pelo cotidiano pseudoconcreto, pois é um pensamento automatizado e dependente do cotidiano capitalista. Nessa caminhada rumo ao pensamento dialético, que tem início, porém não fim, os estudantes têm a oportunidade de refletir e ampliar as possibilidades de pensar e transformar o cotidiano.

Deste modo, nesse projeto é proposto aos alunos a leitura e discussão de textos filosóficos referentes a essas questões, além da produção filosófica por meio de narrativas, baseada nos textos estudados.

As leituras propostas nesse projeto são excertos de obras de Karl Marx (*O Capital*), Karel Kosik (*Dialética do concreto*); Agnes Heller (*O cotidiano e a História*) e Jadir Antunes (*Marx e o Fetiche da Mercadoria*). O projeto é composto por uma APC (Atividade Pedagógica Complementar)<sup>6</sup> e quatro aulas presenciais<sup>7</sup>. Os alunos orientados pelo professor produzirão narrativas sobre suas reflexões a respeito dos textos propostos, fazendo uma ligação com a realidade cotidiana vivida por eles.

O objetivo do projeto é refletir e discutir a realidade vivida dos alunos, suas percepções de mundo e sociedade, buscando uma visão mais crítica da realidade concreta a partir da leitura dos textos sobre a visão marxista do cotidiano e da História, buscando analisar a realidade juntamente com a contribuição da dialética do cotidiano. Essa dialética é o

---

<sup>6</sup> APC (Atividade Pedagógica Complementar) é uma forma de atividade utilizada pela Secretaria de Educação de Mato Grosso do Sul durante o período de pandemia de COVID-19. Esse tipo de atividade deve ser realizado e entregue de modo remoto, na plataforma GoogleClassroom.

<sup>7</sup> No momento de aplicação (Agosto de 2021), as escolas estaduais de MS, estavam funcionando de modo Híbrido; os alunos tinham de frequentar a escola em uma semana e na outra ficar em casa e realizar a APC de modo remoto.

instrumento pelo qual se pretende fazer essa ligação para pensar e ensinar filosofia no ensino médio.

## 2 COTIDIANO E PRÁXIS: FILOSOFIA DA VIDA COTIDIANA

Neste capítulo será discorrido sobre os elementos que compõem a vida cotidiana, seu fluxo e suas características, sob o prisma da filosofia marxista. Como base para o texto será trazida a visão dos filósofos marxistas: Karel Kosik em suas obras *Dialética do concreto* e *El individuo y la história*; Henri Lefebvre e os livros *A vida cotidiana no mundo moderno* e *A reprodução das relações de produção*; Agnes Heller e as obras *O cotidiano e a história* e *Sociologia de la vida cotidiana* e o livro de Jadir Antunes intitulado *Marx e o fetiche da mercadoria: contribuição á critica da metafísica*.

### 2.1 A Filosofia da vida cotidiana e o mundo da pseudoconcreticidade em Karel Kosik

Quando refletimos sobre o cotidiano, sobre a monotonia diária, os compromissos, trabalhos e afazeres, não nos damos conta da complexidade de significados e antagonismos que o a vida cotidiana carrega em si Karel Kosik nos ajuda a compreender a estrutura do cotidiano e suas contradições através de sua análise da concreticidade e da pseudoconcreticidade na vida cotidiana. Essa vida cotidiana gera a história, na qual o homem é um agente ativo e passivo ao longo dos tempos. (KOSIK, 1991, p. 12).

Na vida cotidiana o subconsciente e o inconsciente dominam, transformando o modo de viver com suas atividades em uma forma instintiva de agir, uma forma irrefletida e mecânica de ação. As coisas e os homens acabam por perderem sua originalidade. Simplesmente são como são, observados e aceitos na sociedade, por essa forma dada e irrefletida.

A cotidianidade abarca tudo, nada lhe escapa, tudo tem sua cotidianidade. Ela reinou em todas as épocas e ainda reina, absorve as ações humanas e as normaliza em uma ordem, cristalizando-as. Nesse sentido, aglutina essas ações que acabam formando parte da cultura social. Porém, é possível que esse ritmo e ordem sejam quebrados. Um exemplo disso é a guerra, contudo até mesmo a guerra é assimilável pela cotidianidade, que acaba ganhando um ritmo ordenado, normalizado, tornando-a palatável. Ao final do processo, ela também tem sua cotidianidade. (KOSIK, 1976, p. 71).

O cotidiano traz em si um mundo fenomênico que esconde a realidade concreta. Para Kosik, há uma grande relação entre o cotidiano e a pseudoconcreticidade<sup>8</sup>, que é um mundo que se apresenta como real, verdadeiro e concreto, mas que de fato não o é, pois esconde em si a alienação e com ela, suas contradições. Uma dessas contradições é a relação entre a essência e a aparência.

A pseudoconcreticidade está relacionada diretamente a esta relação de essência-aparência, claro-escuro, mentira-verdade, essência-fenômeno, a pseudoconcreticidade esconde essa duplicidade na vida cotidiana, permitindo que os elementos da aparência se sobreponham e escondam a essência, a busca de sentido, a verdade. Isso acontece porque a essência, “coisa em si” não se manifesta imediatamente ao homem.

É o cotidiano que torna todo esse processo natural, pois é ele que carrega em si essa pseudoconcreticidade juntamente com suas contradições. Isso acontece por que o cotidiano abriga em si a efemeridade da aparência. Essa pseudoconcreticidade impede que a realidade se apresente ao homem em sua concretude, pois o envolve de tal forma que acaba por iludir seus sentidos e sua visão da vida.

Essa pseudoconcreticidade reforça o senso comum, que na visão de Kosik é apenas um conhecimento prático-sensível para orientar o homem no cotidiano, mas que não proporciona a capacidade de compreensão da realidade como um todo. A pseudoconcreticidade, assim como o senso comum não percebe os elementos contraditórios, não se espanta, não se escandaliza com os antagonismos do mundo prático-sensível (KOSIK, 1976, p. 10).

Para que a realidade se apresente ao homem em sua forma concreta, é necessário que este faça uma relação entre o mundo fenomênico da aparência e o mundo da essência. A realidade é composta por esses dois elementos: fenômeno e essência. Esses dois elementos juntos são capazes de trazer à tona a realidade concreta, a concreticidade.

O fenômeno é certa manifestação da essência. Certa, porque para obter a manifestação mesma da essência é preciso fazer certo esforço, certo desvio do cotidiano, pois este tem a capacidade de envolver o indivíduo em suas atividades de tal forma, que acaba entretendo e ocultando a essência.

Procurar conhecer a estrutura da realidade, é uma tarefa que o homem vem buscando há muito tempo, há tempos imemoriais, mas recentemente esse esforço tem sido buscado por meio da Filosofia e da ciência. Como atesta Kosik (1976, p.13):

---

<sup>8</sup> Este conceito é utilizado por Karel Kosik, para descrever um mundo alienado, de aparente lógica, mas que no fim não é concreto, que engana os sentidos, é um mundo só de aparência.

Como a essência – ao contrário dos fenômenos – não se manifesta diretamente, e desde que o fundamento oculto das coisas deve ser descoberto mediante uma atividade peculiar, tem de existir a ciência e a filosofia. Se a aparência fenomênica e a essência das coisas coincidissem diretamente, a ciência e a filosofia seriam inúteis.

A todo esse mundo de fenômenos do senso comum, que Kosik em parte trata como mundo da pseudoconcreticidade, não é a realidade mesma, ao contrário é um mundo que não é concreto em si, pois evidencia somente a aparência, o fenômeno, excluindo, assim, a essência. Já o mundo da concreticidade seria a realidade total, as ações conscientes, com intencionalidade.

Como observado o senso comum, possui em si elementos alienantes, negativos para a realização total do homem, porém ele não é de todo desprezível, pois é necessário e constitutivo do homem, algo próprio da humanidade. A caminhada para a *práxis*<sup>9</sup> concreta não é feita destruindo totalmente o senso comum, mas construindo sob ele, não há uma ruptura brusca, os dois elementos se entrelaçam. Para compreendermos esse entrelaçamento é preciso fazer uso da dialética. A filosofia dialética do cotidiano de Karel Kosik trabalha juntamente com esses dois elementos; pseudoconcreticidade e concreticidade, a fim de trazer a lume a *práxis* concreta.

A dialética do cotidiano, em sua forma materialista foi proposta por Karl Marx, porém tem como modelo dialético a concepção do grande mestre de Marx, o também filósofo alemão Georg F. W. Hegel, que a desenvolve em seu livro *Fenomenologia do Espírito*, como atesta Kosik (1976, p. 166):

A odisseia do espírito ou a ciência da experiência da consciência não constituem o tipo único ou universal – são apenas um dos modos – de “realização” da odisseia. Se a “Fenomenologia do Espírito” é a “viagem da consciência natural que atinge à verdadeira ciência” ou a “viagem da alma que atravessa a série das suas formas como uma série de etapas” a fim de que, “com plena experiência de si mesma”, possa alcançar o “conhecimento daquilo que ela é por si mesma”, então “O Capital” se manifesta como “a odisseia” da *práxis* histórica concreta, a qual passa do seu elementar produto de trabalho através de uma série de formas reais, nas quais a atividade prático-espiritual dos homens é objetivada e fixada na produção, e termina a sua peregrinação não com o conhecimento daquilo que ela é por si mesma, mas com a ação prático-revolucionária que se fundamenta neste conhecimento.

---

<sup>9</sup> O termo *práxis* tem uma grande amplitude de significados, nesta obra o termo é utilizado segundo o ponto de vista da filosofia marxista, porém entre os marxistas também existem várias definições para Práxis, como pontuou Adolfo Sánchez Vázquez em sua *Filosofia da Práxis*. Adotamos aqui a visão de Karel Kosik, que em termos gerais se refere à ação humana com intencionalidade, consciente, não alienante.

Como já observado há certa correspondência entre o senso comum e a *práxis* fetichizada. Há também outros conceitos que Kosik utiliza e que podem ser tomados como conceitos correspondentes à *práxis* fetichizada como *práxis* utilitária<sup>10</sup> e *práxis* fragmentária<sup>11</sup>, logicamente que cada termo tem sua significação conceitual, porém independente do uso específico, todos estes estão dentro do mesmo escopo, isso é o mundo fenomênico da aparência.

A *práxis* utilitária do senso comum tem sua importância, principalmente no início da vida. Ela é importante também em relação às atividades necessárias do dia a dia, pois ela dá condições para o homem se orientar no mundo de forma prática, a fim de prover sua sobrevivência imediata. Porém, ela não tem em si elementos mais profundos necessários para a compreensão e transformação da realidade, no sentido de potencializar as capacidades humanas, tanto sociais quanto individuais. Sobre isso Kosik (1976, p. 10) afirma:

Por isso, a *práxis* utilitária imediata e o senso comum a ela correspondente colocam o homem em condições de orientar-se no mundo, de familiarizar-se com as coisas e manejá-las, mas não proporcionam a *compreensão* das coisas e da realidade. Por este motivo Marx pode escrever que aqueles que efetivamente determinam as condições sociais se sentem à vontade, qual peixe n'água, no mundo das formas fenomênicas desligadas da sua conexão interna e absolutamente incompreensíveis em tal isolamento. Naquilo que é intimamente contraditório, nada vêem de misterioso; e seu julgamento não se escandaliza nem um pouco diante da inversão do racional e irracional.

Normalmente, a *práxis* utilitária e fragmentária tem uma visão unilateral da organização da sociedade, das relações de consumo e das ações humanas em geral. Não consegue perceber as possibilidades que estão atrás do percebido. Elas materializam uma visão única, uma verdade absoluta e imutável, jamais dando espaço para alternativas ou mudanças. É uma visão estática em si, incapaz de explorar o mundo de possibilidades que a realidade pode trazer.

A *práxis* concreta, ou *Práxis*<sup>12</sup> mesma, tem como base a condição humana em que o humano é o seu objeto. Desenvolver a humanidade e descortinar suas potencialidades é o seu alvo. Ela quer uma prática, uma ação real, não uma ação manipulada pelo mercado ou por objetos criados pelo próprio homem, como se observa na contemporaneidade. Perguntas como

<sup>10</sup> Descreve o conhecimento necessário para a instrumentalização de objetos, manipulação de instrumentos etc.

<sup>11</sup> Tem a ver com a divisão do trabalho, a divisão da sociedade em classes, hierarquias sociais.

<sup>12</sup> Quando utilizado o termo *Práxis*, desacompanhado, se refere à *práxis* concreta.

Quem é o homem? O que é a sociedade humano-social? Como é formada a sociedade? Quais são suas bases? Pode guiar para pensarmos em uma *práxis* concreta.

Ao acessar a dialética do cotidiano, começa-se a perceber o humano diferentemente de como ele é posto pela pseudoconcreticidade, o humano ganha riqueza. A *práxis* dialética do cotidiano é ativa, se renova continuamente, não é fragmentária, ao contrário busca a unidade entre o homem e a natureza, do homem com o mundo, do espírito com a matéria e do sujeito com objeto. É um movimento contínuo de transformação. Sobre isso Kosik (1976, p. 202) afirma:

A *práxis* na sua essência e universalidade é a revelação do segredo do homem como ser ontocriativo, como ser que cria a realidade (humano-social) e que, portanto, compreende a realidade (humana e não-humana, a realidade na sua totalidade). A *práxis* do homem não é atividade prática contraposta à teoria; é determinação da existência humana como elaboração da realidade. A *práxis* á ativa, é atividade que se produz historicamente – quer dizer, que se renova continuamente e se constitui praticamente –, unidade do homem e do mundo, da matéria e do espírito, de sujeito e objeto, do produto e da produtividade. Como a realidade humano-social é criada pela *práxis*, a história se apresenta como um processo prático no curso do qual o humano se distingue do não-humano: o que é humano e o que não é humano não são já predeterminados; são determinados na história mediante uma diferenciação prática.

A *práxis* dialética do cotidiano é refletida na totalidade do homem, isso é, compreende sua totalidade. É composta de atividades objetivas, mas também de atividades subjetivas. Como objetivação há as atividades humanas desenvolvidas na transformação da natureza, característica do trabalho, A subjetivação tem características como; medo, alegria, ansiedade entre outras.

O desvio existencial do indivíduo, momento existencial ou *détour*<sup>13</sup> em relação à pseudoconcreticidade é importante para a alteração da realidade, pois tem a ver com o próprio reconhecimento de si como agente de mudança. Esse desvio existencial permite ao indivíduo observar as mudanças como acessíveis e possíveis, torna o indivíduo coparticipante das mudanças sociais. Ele passa a não observar mais as mudanças como estando em outro patamar, outro mundo, como uma coisa inacessível. Como diz Kosik (1976, p. 204)

Assim a *práxis* compreende – além do momento laborativo – também o momento existencial: ela se manifesta tanto na atividade objetiva do homem, que transforma a natureza e marca com sentido humano os materiais

---

<sup>13</sup> Karel Kosik utiliza esse termo francês para se referir a um desvio, como que se o conjunto social estivesse caminhando irrefletidamente em uma linha reta, sem questionamento.

naturais, como na formação da subjetividade humana, na qual os momentos existenciais como a angústia, a náusea, o medo, a alegria, o riso, a esperança etc., não se apresentam como “experiência” passiva, mas como parte da luta pelo reconhecimento, isto é, do processo da realização da liberdade humana. Sem o momento existencial o trabalho deixaria de ser parte da *práxis*.

O trabalho como base e com ele as artes e a filosofia são elementos importantes e necessários para esse desvio existencial, o trabalho por que é a maneira de o homem produzir e se autoproduzir, as artes e a filosofia por que leva o homem a um momento de reflexão de sua existência, de suas ações e de uma busca de realização e sentido no que faz.

## **2.2 A vida cotidiana em Henri Lefebvre; o capitalismo e sua dominação**

O cotidiano tem a capacidade de integrar e aglutinar em si tudo, pessoas, objetos, ideologias, entre outros, ele aceita a todos, até quem o recusa é envolvido e processado na sua linha de produção. O cotidiano é inexorável, insensível. Até mesmo os indivíduos que procuram fazer um desvio do cotidiano, não deixam de serem atraídos para ele, pois tem a capacidade de suavizar e aglutinar todo tipo de movimento. Assim foi com o renascimento, romantismo, existencialismo e até mesmo o materialismo. Ele suaviza e integra tudo, criando um movimento mais familiar e suave. (LEFEBVRE, 1991, p. 104).

O cotidiano também é caracterizado por um sentimento constante de satisfação e o consumo de produtos tem sido a saída para essa satisfação. As necessidades são criadas pela sociedade capitalista, e assim que uma necessidade é satisfeita logo surge outra, em um interminável pêndulo de satisfação e insatisfação.

O consumo no cotidiano está ligado ao consumo de signos, esses signos podem ser; comerciais de produtos exibidos na TV, estilo de roupas, objetos que trazem status e “aceitação” social como smartphones de determinadas marcas, entre outros. Esse consumo de signos é muito evidente entre a juventude.

Essas relações de consumo acabam sendo enganosas, acabam iludindo a sociedade, pois esse tipo de consumo que está mais ligado a signos (imaginário) do que na apropriação do objeto em si e acaba encobrindo as relações de consumo. O capitalismo com sua estrutura acaba por dominar e submeter toda a estrutura do espaço cotidiano, ele reduz e subordina tudo a processos de consumo. (LEFEBVRE, 2020, p. 62).

Como um pêndulo que vai de um lado a outro, o consumo na sociedade capitalista atual transita entre a satisfação e a insatisfação. O consumidor busca o produto para encontrar a satisfação, muitas vezes um produto que não precisa, acaba tendo uma pequena fagulha de alegria, que logo se ofusca, pois outra necessidade já chega e deve ser satisfeita. Desta forma, o indivíduo se enche de tédio, pois está percorrendo para um objetivo inalcançável, buscando a felicidade na satisfação em consumir produtos como afirma Lefebvre (1991, p. 104):

O salto do real ao imaginário e do imaginário ao real, ou seja, a confusão entre os planos, não o contenta mais. Que é preciso fazer? Alguma coisa. Consumir o satisfaz e não o satisfaz, o consumo não é felicidade. O bem-estar e o conforto não bastam para trazer a alegria. Ele se enche de tédio.

O consumo neste cotidiano pseudoconcreto gera hierarquias, entre elas, a hierarquia do consumo e a hierarquia das performances. Cria-se uma disputa constante para ver quem consome mais, quem tem os produtos que possuem maiores performances, que geram mais status.

Nesta sociedade, tudo é aferido por possuir e possuir, mesmo que a vida inteira do indivíduo esteja alienada na forma de horas a fio de trabalho para pagar essa satisfação a outros indivíduos. Como consequência, os índices de endividamento sempre estão em altos. Neste contexto, o indivíduo entende que é preciso alienar o futuro para bancar o presente. Buscará sempre viver de aparências, satisfazer o sistema mais do que a si mesmo.

Um dos símbolos destas hierarquias do cotidiano contemporâneo tem sido o automóvel. Esse bem encarna em si todos os álibis da sociedade dominada pela forma de produção capitalista. O automóvel traz consigo o apelo para o erotismo, para a aventura, para a sociabilidade e para a inclusão urbana. Ele tem sido a vitrine e o parâmetro pelo qual os indivíduos dessa sociedade aferem outros indivíduos. Entende-se que se um indivíduo não tem um carro novo para impressionar outros indivíduos, logo é visto como não sendo bem sucedido na vida, não alcançou o sucesso e a realização. Como afirma Lefebvre (1991, p. 111):

O automóvel, com seus mortos e feridos, com as estradas sangrentas, é um resto de aventura no cotidiano, um pouco de prazer sensível, um pouco de jogo. Interessante notar o lugar do carro no único sistema global que descobrimos: a estrutura dos álibis, álibi para o erotismo, álibi para a aventura, álibi para o “habitar” e para a sociabilidade urbana, o automóvel é uma peça desse “sistema” que cai em pedaços assim que o descobrimos.

Essa sociedade pode ser denominada como sociedade do automóvel, devido a importância material e simbólica que este possui para ela. É o objeto total. Carrega em si todos os atributos cultuados por essa sociedade. Não é somente um objeto de status econômico, ele materializa um discurso: o discurso do capitalismo contemporâneo.

Esse discurso é carregado de simbolismo e perpassa a tudo. Em uma sociedade cada vez mais estratificada, o automóvel é apresentado como um símbolo de poder e prestígio, um sonho de consumo, um objeto que tem a capacidade de mudar a aceitação das pessoas, torná-las mais receptivas, aceitáveis, tornar seu portador mais atraente. É um objeto mágico, pois basta possuí-lo, como diz Lefebvre (1991, p. 112):

A hierarquização é ao mesmo tempo dita e significada, suportada, agravada pelo simbolismo. O carro é símbolo de posição social e de prestígio. Nele tudo é sonho e simbolismo: de conforto, de poder, de prestígio, de velocidade. Ao uso prático se sobrepõe o consumo dos signos. O objeto se torna mágico, entra no sonho. O discurso a seu respeito se alimenta de retórica e envolve o imaginário.

A publicidade encarna a tarefa de construir toda a imagem dessa sociedade do consumo, pois é o invólucro de todo o sistema e um dos elementos mais importantes de construção deste cotidiano. Ela se apropria de toda a construção cultural que o homem já produziu e utiliza contra o próprio homem. A publicidade tem em vista os seus próprios fins, principalmente o mercadológico.

A publicidade se apropria da arte, literatura, filosofia, moda, entre outros, tudo isso para continuar o processo de venda de mercadorias, para continuar o círculo infinito da produção capitalista. Tudo é comercializável, nada escapa, tudo tem um preço. Por meio da publicidade todos os antagonismos da sociedade capitalista vão sendo suavizados, suprimidos.

Esta sociedade de consumo tem responsabilizado os pobres por suas vidas miseráveis, pois passa a imagem de que eles não estudaram, não conseguiram montar um negócio, enfim não se adequaram ao sistema, logo é justa a desigualdade, à qual a culpa é de quem não sabe competir.

A publicidade na sociedade capitalista atual também tem a função de programadora de consumo. Ela dita as regras do que deve ser consumido, normalmente coisas que as pessoas não precisam, mas que ela faz necessitar, pois vende a imagem de que precisam. Assim ela vai construindo as necessidades, que são sempre infundáveis, normalmente com a ajuda da ciência e tecnologia.

A sociedade atual é movida por uma produção desenfreada. A lógica é que sem a necessidade não há consumo, sem consumo não há produção. Sem um desses elementos o círculo é desfeito, e obviamente isso não pode acontecer. Na realidade, a publicidade acaba ocupando o lugar do próprio indivíduo, pois ao invés de observar as reais necessidades, permite-se que outros (publicidade), ditem qual é a suposta necessidade. Sobre isso Lefebvre (1991, p. 117) afirma:

Desse modo, a publicidade torna-se a poesia da modernidade, o motivo e o pretexto dos espetáculos mais bem-sucedidos. Ela captura a arte, a literatura, o conjunto dos significados disponíveis e dos significados vazios. Torna-se arte e literatura, apodera-se das migalhas da festa a fim de reconstituí-las para seu próprio uso. Assim como faz com a mercadoria, que ela empurra até as últimas consequências da sua lógica, confere a todo objeto e a todo ser humano plenitude da dualidade e da duplicidade: o duplo valor como objeto (valor de uso) e como mercadoria (valor de troca), organizando cuidadosamente a confusão entre esses “valores” em proveito do segundo deles.

Essa ditadura das necessidades dirigidas pela publicidade programa o indivíduo a consumir objetos produzidos por grandes companhias, a consumir marcas que tem status, a trocar sempre os produtos logo quando há outro lançamento. Na verdade, essa troca é bem rápida, pois a indústria precisa vender e vender. Enfim, a publicidade procura ditar como se deve vestir, mobiliar a casa, comer e beber e no final dessa conjectura a sociedade contemporânea tornou-se robotizada, programada. Não consegue se desvencilhar desse programa.

### **2.3 A vida cotidiana em Agnes Heller; a possibilidade de elevação do indivíduo**

O cotidiano é marcado pelo que é comum, acontece diariamente, é o espontâneo repetitivo da vida diária. A vida cotidiana é o reflexo da espontaneidade das atividades comuns do dia a dia, é uma atmosfera natural para o homem. O ritmo fixo, a repetição rigorosa e a regularidade das atividades criam o que se chama de cotidiano. Em outras palavras, é a vida de cada dia.

A assimilação de modismos, comportamentos e exigências sociais marcam esse cotidiano no aspecto da formatação ideológica. É conveniente que essas atividades cotidianas

sejam de certa forma bem assimiláveis, pois se houver interrupção para construir ou refletir sobre todas as ações do cotidiano, a vida e a reprodução material, na forma do capitalismo principalmente, se tornaria impraticável. Como afirma Agnes Heller:

Pois, se nos dispuséssemos a refletir sobre o conteúdo de verdade material ou formal de cada uma de nossas formas de atividade, não poderíamos realizar nem sequer uma fração das atividades cotidianas imprescindíveis; e, assim, tornar-se-iam impossíveis a produção e a reprodução da vida da sociedade humana. (HELLER, 2014, p. 47).

A assimilação de comportamentos desse processo cultural, normalmente vem acompanhada de motivações efêmeras, que não expressam a essência dos indivíduos. As atividades cotidianas são orientadas por um pensamento imediato e automatizado, direcionadas pela prática da vida cotidiana. Os indivíduos operam nessa cotidianidade, sem uma reflexão profunda sobre as ações. Não são ações conscientes, com intencionalidade, a ação não se dá após uma reflexão, é mero fruto da vivência costumeira de cada dia.

Um problema surge quando somos dominados de maneira inquestionável por esse cotidiano. Essa dominação que retira do homem a propriedade ampla de suas decisões e as delega ao automatismo, submete-o a um sistema opressor de produção da vida material, ao domínio total do seu ser pelo capital.

Todo esse cotidiano que domina e envolve o homem na contemporaneidade é marcado por suas relações de trabalho, por sua produção e consumo de mercadorias (produtos) e pela circulação do dinheiro. Quando refletimos sobre nossas ações, motivações e superstições, comparando-as com a realidade, acontece uma elevação do indivíduo do cotidiano para a *Práxis*. Ele ingressa na dialética do cotidiano, que gera no indivíduo reflexão e ação com intencionalidade, como afirma Agnes Heller:

E, em troca, quando num dado momento da vida cotidiana – o indivíduo começa a refletir acerca de uma superstição que compartilhava, ou de uma tese que assimilou da integração de que faz parte passando a supor que nem uma nem outra são aceitáveis porque contradizem a experiência, e, logo após, começa a examinar o objeto postos em questão comparando-o com a realidade, para terminar recusando-o, em tal momento o referido indivíduo elevou-se acima do decurso habitual do pensamento cotidiano, ainda que apenas em tal momento. (HELLER, 2014, p. 52).

Essa elevação acontece quando se contrapõe o plano teórico (reflexão) contra o plano pragmático (prática), que é marcado pela prática, pelo comodismo do pensar e agir, pela fé e

confiança nas experiências cotidianas. Essa prática normalmente está situada no campo do senso comum.

Outra questão que abarca o cotidiano é a produção e reprodução desse cotidiano por meio do homem. Como se dá isso? Os homens diferentemente dos animais irracionais não se autoreproduzem de maneira automática, instintiva, o meio, isso é, a sociedade gera um impacto nessa reprodução. Ele vai se desenvolvendo de maneira dialética, desenvolve um papel na sociedade e a sociedade com sua cultura vai lhe imprimindo suas marcas.

Sozinho o homem não tem condições de se humanizar, ele precisa dessas impressões que a sociedade lhe imprime, pois não tem condições de aprender a falar, operar instrumentos sozinho etc, quando o individuo chega ao mundo precisa de todo o arcabouço que a sociedade já construiu, a ele cumpre apropriar-se dessa cultura. Como afirma Heller:

El hombre solo puede reproducirse en la medida en que desarrolla una función en la sociedad: la autoreproducción es, por consiguiente, un momento de la producción de la sociedad. Por lo tanto, la vida cotidiana de los hombres nos proporciona, al nivel de los individuos particulares y en términos muy generales, una imagen de la reproducción de la sociedad respectiva, de los estratos de esta sociedad. (HELLER, 1987, p. 20).

Diante dessa dualidade do individuo particular e de outro lado, o processo de reprodução social, temos a questão da adequação ou não desse individuo ao processo de reprodução social. Para que o individuo se adeque a sociedade que nasceu é preciso antes de tudo saber usar os instrumentos dessa sociedade, começando com a linguagem e perpassando pelas profissões.

Essa reprodução do individuo na sociedade sempre é uma reprodução de um homem histórico, um homem que foi “construído na história”, assim um individuo que nasce na França do século XV se apropria de elementos diferentes de um individuo que nasce na sociedade japonesa. Isso tem a ver com a construção histórica dessas sociedades, com usos e costumes, logo o individuo que nascer em uma dessas sociedades deve se apropriar de elementos constitutivos para essa sociedade em questão, não tem como escapar disso.

Para o individuo ter o mínimo para reproduzir sua vida, precisa se adequar e saber fazer o uso de toda a instrumentalização que o cotidiano lhe apresenta, deve ter o mínimo de capacidade para aprender a se locomover entre todos os elementos dessa determinada sociedade. Como afirma Heller:

Sin embargo, por diferentes que puedan ser las cosas concretas y los sistemas concretos de usos, em líneas generales se puede decir que es necesario saber “usar” – em mayor o menor medida – las cosas e instituciones del mundo em el que se nace. (HELLER, 1987, p. 22).

A relação do indivíduo com a sociedade fica mais intensa, quanto mais dinâmica for essa sociedade, por ter muitos elementos do qual o indivíduo deve se apropriar, por exemplo, o nível de apropriação instrumental de um brasileiro do século XXI é mais complexo que de um brasileiro do século XVI, pois o nível de informação cresceu. Isso também em relação ao número de instrumentos (objetos) para uso e conforto.

O indivíduo jogado nesse mundo, deve constantemente buscar uma instrumentalização esperada pelo meio social que o cerca, além de aprender uma instrumentalização para a vida de subsistência, de necessidades naturais como: comer se vestir, dormir etc. Deve aprender a lidar com necessidades artificiais criadas pela própria sociedade. Essas “necessidades” incluem o processo de compra e venda de produtos impulsionadas pelo capitalismo.

Toda essa gama de instrumentalização no capitalismo do século XXI pode gerar nos indivíduos uma pressão social enorme, pois fica cada vez mais difícil corresponder às expectativas da sociedade, muito por que o capitalismo a influencia e a domina para cumprir seus propósitos, portanto tanto o indivíduo quanto a sociedade tem suas necessidades influenciadas pelo modo de produção capitalista. A instrumentalização do indivíduo também sofre essa influencia. Sobre essas dinâmicas entre o indivíduo e o ambiente Heller afirma:

El particular, cuando cambia de ambiente, de puesto de trabajo, o incluso de capa social, se enfrenta continuamente a tareas nuevas, debe aprender nuevos sistemas de usos, adecuar-se a nuevas costumbres. Aún más: vive al mismo tempo entre exigências diametralmente opuestas, por lo que debe elaborar modelos de comportamiento paralelos y alternativos. Resumiendo, debe ser capaz de luchar durante toda la vida, día tras día, contra la dureza del mundo. (HELLER, 1987, p. 22).

Nesse sentido de transmissão do cotidiano, a família também exerce um papel fundamental, pois é nela que primeiro recebemos e depois transmitimos o mundo instrumental. Ela é o primeiro organismo com o qual o indivíduo tem contato. O educar está também impregnado dessa instrumentalidade necessária para o tenro indivíduo saber se virar no mundo, buscar viver e sobreviver.

A família é um grande agente de comunicação da sociedade, juntamente com a sua instrumentalização. É ela que faz a ponte entre a sociedade e o indivíduo, aos que criam e cuidam da educação do indivíduo cumpre transmitir essa instrumentalidade social. Essa transmissão pode ser mais suave ou às vezes mais traumática, a depender da criação e do

contexto familiar. Logicamente que no processo de transmissão também irá certa impressão pessoal daquele que transmite. Como afirma Heller:

Em mi educar (em el modo em que yo presento el mundo “acabado”) repercutirán también mis experiencias personales, cuando comunico mi mundo, expreso también estas experiencias, cuando “transmito” mi mundo, contemporaneamente me objetivo también a mi mismo em cuanto me he apropiado ya de este mundo. (HELLER, 1987, p. 25).

Assim como acontece na família, também acontece na sociedade na qual esse indivíduo está inserido, mas de uma maneira mais ampla, a sociedade lhe imprime os costumes sociais, as grandes tradições e a valorização de elementos do mundo social, como esportes, maneira de se vestir, alimentos etc. essa transmissão tanto pela família quando pela sociedade é inevitável, faz parte integrante do cotidiano.

#### **2.4 O cotidiano e sua metafísica segundo Jadir Antunes**

A cotidianidade atual também é marcada pela supremacia da metafísica sobre a concreticidade. Essa metafísica se manifesta em grande medida através da forma de produção capitalista, isso é, as relações de produção. A forma metafísica por excelência que tem dominado o cotidiano é o dinheiro.

A sociedade capitalista trouxe consigo uma inversão de elementos humanos, as relações humanas e sua produção da vida acabaram se tornando uma subjetivação, construção imagética idealizada, em detrimento de necessidades e relações reais e concretas. O capitalismo e seu grande representante, a mercadoria, acabou tomando o papel do humano como agente ativo e protagonista. Esse, ao contrário, permitiu que a mercadoria tomasse a frente, acabando por dominar todo o seu cotidiano, sua vida por inteiro. Como afirma Antunes (2018, p. 284):

Com a inversão operada pela metafísica, surge o movimento reflexivo, objetivo e autonomizado dos conceitos e categorias; a mercadoria aparece como o sujeito do movimento, enquanto o homem é transformado em agente passivo e guardião da mercadoria; a mercadoria aparece como sujeito e ela mesma diz o que ela é; a forma relativa aparece como o agente da relação e a forma equivalente como paciente; a forma ativa espelhada e reflete sua essência oculta e suprassensível no corpo visível e sensível da forma paciente; a coisa torna-se sujeito ativo e consciente do processo enquanto o

sujeito real torna-se uma coisa passiva e inconsciente. O mundo da mercadoria, por isso, é o mundo da negação, da alienação e da inversão.

A filosofia da *Práxis* é um elemento importante de transformação, pois está lastreada em mudança. Somente o conhecimento por si só não traz mudanças significativas, pois fica apenas no campo intelectual, teórico, a dialética do cotidiano, para ser *práxis* necessita propor elementos que busquem a transformação real. Nesse sentido marxiano, a *Práxis* seria a realização da filosofia no cotidiano e sua superação<sup>14</sup>.

Quando se pensa sobre o conceito de *práxis* na visão marxiana, percebe-se logo que não é só transliterar essa palavra para a língua portuguesa para adquirir seu significado desvendado, embora tenha alguma relação com a palavra “prática” ou “prático” em português, a palavra “*práxis*”, encerra em si uma significação mais ampla.

O conceito de *práxis* tem relação com uma ação que tem seu fim em si mesma, diferente de “*poisésis*” que é algo produzido e que existe fora do autor, como um vaso de cerâmica produzido por um artesão ou como uma poesia elaborada por um poeta. Parece haver certa inversão na visão moderna quando se procura conceituar “*práxis*”. Na verdade, a *práxis* para o senso comum, seria a *poiésis*, uma *práxis* utilitarista. A *práxis* mesma não tem esse caráter utilitarista da *poiésis*, é uma atividade consciente objetiva, não se reduz a produção de objetos em si. Antunes (2018, p. 82) afirma:

As ciências práticas podem ser divididas em duas partes: em *práxis* propriamente e *poiésis*. A *práxis* segundo Aristóteles, é uma atividade que se desenvolve e se completa inteiramente no interior do próprio agente, sem jamais se exteriorizar e se objetivar. Ou seja, a *práxis* é uma *phrônesis* que, por isso, jamais se tornará um produto. Como exemplo dela podemos citar ações morais tais como agir com prudência ou coragem. A *poiésis*, por seu lado, é uma atividade produtiva que se objetiva na forma de um produto fabricado. A *poiésis*, por isso, segundo Aristóteles, é uma atividade inferior que existe em vista da fabricação. *Práxis* e *poiésis*, por isso segundo sua visão, são duas dimensões não apenas diversas da atividade humana como são, ainda, hierarquicamente distintas e antagônicas.

A *Práxis* é então o agir humano objetivo, com intencionalidade, é quando o homem age e sua ação trás em si a intencionalidade de se realizar, de se superar, de desenvolver suas potencialidades, tanto de maneira individual como de maneira coletiva. É o homem sendo o autor e o protagonista de sua ação.

---

<sup>14</sup> SÁNCHEZ VÁZQUZ, 2011, p. 117.

A práxis marxiana seria a manifestação do humano de forma integral, sem dominações externas manipulativas, como dinheiro, produtos e os meios de produção. Logicamente que não é só o fator econômico que determina essa práxis histórica dominativa, mas essa estrutura econômico-social ao longo da história tem seu peso nesse processo.

O mundo da cotidianidade envolve os indivíduos a ponto de intensificar o senso comum. O senso comum é carregado de *práxis* utilitária, de pseudoconcreticidade, pois atua na superfície, no utilitário, no prático, é o pensamento do comum. Essa *práxis* utilitária, tratada aqui como senso comum, é também uma *práxis* fetichizada<sup>15</sup>.

Essa *práxis* fetichizada é marcada pelo fato dos objetos ganharem vida e se tornarem o centro da vida contemporânea, a qual tudo está a seu serviço, tudo lhes está submisso. O valor já não está no trabalho, na ação humana ou no próprio homem. Todo o valor do homem foi transferido para os objetos consumíveis, mais ainda, para o sumo objeto da contemporaneidade, o objeto dinheiro.

Essa transferência de valores do homem para a mercadoria e conseqüentemente para o ente dinheiro é uma verdadeira inversão, pois o dinheiro não vale por si mesmo, diferente do homem, que a partir de si, cria valor em seu meio, que através do seu trabalho processa a natureza gera assim objetos necessários ao seu uso. A alienação da sociedade contemporânea tem criado e intensificado cada vez mais essa inversão de valores. Como afirma Antunes: (2018, p. 195):

A mercadoria nasce, assim, da negação das propriedades naturais e sensíveis da coisa em prol de suas propriedades alienadas e suprassensíveis. A mercadoria, portanto, não é uma coisa, em si e por si, uma coisa sensível, mas uma coisa relativa, uma forma abstrata e suprassensível da riqueza, uma relação social entre os homens, uma relação social de troca. Com o surgimento da forma equivalente geral de valor, porém, a relação social de troca aparece agora metafisicamente como coisa encarnada no corpo de uma coisa sensível, material e visível que se apresenta como a mercadoria enquanto tal, como a mercadoria dinheiro.

Para se alcançar a *práxis* concreta, e com isso abandonar em parte o mundo do “comum”, é necessário uma elevação, um desvio, e a filosofia é um fio condutor para isso, pois está no plano reflexivo, diferente do senso comum.

Para que esse mundo da *práxis* fetichizada seja, quebrado, abandonado, é preciso começar uma caminhada. É um processo, isso não acontece em um estalar dos dedos. Nesse

---

<sup>15</sup> São as ações cotidianas marcadas pelo fetiche da mercadoria, esse conceito será desenvolvido no decorrer do texto.

caminho da *práxis* fetichizada para a *práxis* concreta, a filosofia é necessária, pois oferece os elementos de partida: textos, conceitos e reflexões, que permitem fazer comparações, associações e análises da realidade.

No processo dessa caminhada logicamente que se encontrarão percalços, porém o resultado é maravilhoso, pois envolve a transformação da realidade existencial em um primeiro momento e de alguma forma a realidade social. A transformação da realidade para melhor e a realização do homem como um todo é um pretense ponto de chegada, mesmo que não exista uma parada certa, pois o processo de transformação é sempre contínuo.

O senso comum traz em si elementos nocivos, um desses elementos é o fato dele ignorar totalmente elementos teóricos (reflexivos), acabando por alimentar demasiadamente elementos de tradição familiar, cultural, credices e até mesmo concepções irracionais de mundo.

A reflexão na concepção do senso comum traz perturbação e instabilidade, coisa que o cotidiano juntamente com o senso comum não gosta. A reflexão desloca o indivíduo da sua posição de comodismo, isso pode causar medo na maioria das pessoas, pois elas tendem a sair do automatismo, de sua zona de conforto<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> SÁNCHEZ VÁZQUZ, op.cit., p. 242.

### 3 ALIENAÇÃO, REIFICAÇÃO E FETICHE DA MERCADORIA.

Neste capítulo serão tratados conceitos da filosofia marxista que estão diretamente ligados à filosofia do cotidiano, ao cotidiano contemporâneo mais especificamente. Esses conceitos estão de alguma forma inseridos na visão de alienação da sociedade contemporânea.

Os termos alienação, reificação e fetiche da mercadoria, são tratados segundo a visão dos seguintes filósofos: Karl Marx em sua obra *O capital*; Estván Mészáros em *A teoria da alienação em Marx*; Amaro Fleck no artigo *O conceito de fetichismo na obra marxiana: uma tentativa de interpretação*; Karel Kosik em *A dialética do concreto*; Agnes Heller em *O cotidiano e a história*; Henri Lefebvre em seu livro *A vida cotidiana no mundo moderno*; Adolfo Sánchez Vázquez em *Filosofia da Práxis* e Jadir Antunes no seu livro *Marx e o fetiche da mercadoria: contribuição à crítica da metafísica*.

#### 3.1 Alienação: seu conceito e estrutura no trabalho moderno

O conceito de alienação é de suma importância para compreendermos todo o processo que envolve o cotidiano no dia a dia. Esse termo em seu sentido filosófico moderno nasce na filosofia de Hegel e Feuerbach, porém tem seu clímax na filosofia de Marx.

De forma geral, o conceito passa a ideia de que o homem está fora de si, desviado do seu sentido antropológico e ontológico. homem se reduz ou se permite reduzir a outra coisa que não ele mesmo, ou como que impedido por algo, não pudesse se realizar, se desenvolver, expor suas verdadeiras potencialidades.

O termo em alemão normalmente utilizado por Marx com maior frequência é “*Entfremdung*”, embora de maneira intercambiável use em alguns momentos “*Entäusserung*” e “*Veräusserung*”, mesmo não sendo sinônimos perfeitos e tendo cada termo seu aspecto próprio, esses termos se referem, de modo geral, à alienação, ao estranhamento, à objetivação, à reificação, entre outros. Quando Marx usa “*Entfremdung*”, quer trazer a ideia de um poder hostil produzido pelo próprio ser humano e que o confronta, fazendo-o se perder em seus objetivos (MESZÁROS, 2016, p. 20).

Uma pergunta a se fazer é: se o homem está alienado, ele está alienado do quê? Essa é uma questão importante no pensamento de Marx, e o que o diferencia tanto de Hegel, quanto de Feuerbach. Para Feuerbach o sujeito que se aliena é o homem em geral, o caráter é teórico e o produto desta atividade alienante é Deus. A ação inversa do objeto sobre o sujeito é a dominância de Deus sobre o homem, o conteúdo da alienação é a desumanização do homem. Essa esfera da alienação está na consciência humana, o que se aliena e desaliena é a essência humana.

Já para Marx, o sujeito que se aliena é o trabalhador, o caráter da alienação é prático, o objeto é real, é o produto do trabalho. A ação inversa do objeto sobre o sujeito é o produto do trabalho se voltando contra seu produtor, o conteúdo da alienação é a desumanização do trabalhador, a esfera da alienação é o trabalho humano, porém igualmente em Feuerbach, o que se aliena e desaliena é a essência humana. Essa diferença é bem pontuada por Sánchez Vázquez (2011, p. 423) quando afirma:

Em Feuerbach, aliena-se o homem em geral; a alienação se desprende de sua natureza humana, isto é, da essência do homem como ser natural, sensível, mortal e limitado. É uma necessidade antropológica, estranha por isso ou indiferente ao homem histórico, concreto e social. Em Marx, a alienação não é constitutiva do homem; não é uma dimensão essencial da natureza humana; mas, por razões históricas, não pôde se subtrair dela. O homem (o trabalhador) aliena sua essência em uma relação prática, material – o trabalho – com a natureza que determina certa relação entre os homens (o trabalhador e o não trabalhador).

A alienação em Marx aparece como uma característica da atividade produtiva do homem, sendo influenciadas por condições históricas. Ela não é inerente ao trabalho humano geral, mas a uma forma peculiar de trabalho. O conceito marxiano de alienação envolve as relações sociais em sua base, tem por limiar a relação entre o trabalhador e o não trabalhador, vai além do sujeito-objeto.

A alienação do trabalhador vai se realizando de forma concreta e se acha condicionada por fatores históricos, como a alienação surge e se desenvolver historicamente, também é capaz de desaparecer historicamente, daí advém o sentido de desalienação na dialética do cotidiano.

A alienação na visão marxiana envolve um conjunto de conceitos e fatores, de certa forma exaustivos, pois em seu bojo encontra-se os conceitos de propriedade privada, trabalho, classes sociais, produção capitalista, sociedade, o homem e seu trabalho, a relação dos

homens entre si, entre outros, como afirma Sánchez Vázquez (2011, p. 424) ao se referir ao conceito de alienação:

A principal limitação desse conceito-chave é, justamente, sua polivalência. Explica – mais exatamente, é o fundamento teórico – de muitas coisas: a propriedade privada, as relações antagônicas entre os homens (divisão da sociedade em classes), a depauperação do trabalhador etc. em poucas palavras, a alienação explica muito, sem ser ela, por sua vez, suficientemente explicada.

Na visão marxiana, a alienação do trabalhador se dá de maneira subjetiva e objetiva. No aspecto subjetivo observa-se a questão do trabalhador não reconhecer a si próprio em seus produtos, em sua atividade e também nos demais homens, o trabalhador acaba não se reconhecendo como ser produtor e criador.

Já no aspecto objetivo temos o empobrecimento material e espiritual do trabalhador, contrastando com a riqueza material produzida pelo mesmo. Assim, se evidencia um grande antagonismo que é; quanto mais o trabalhador produz riqueza pelo seu trabalho, mais se empobrece material e espiritualmente pelo mesmo trabalho. (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2011, p. 425).

Em tudo que é produzido pelo homem se reflete sua alienação, porém a representação mais visível é observada na divisão do trabalho na modernidade. As leis, o estado, o entretenimento, as relações sociais, entre outros, acabam por refletir esse caráter das relações econômicas do trabalho.

Karl Marx do decorrer de sua vida vai desenvolvendo esse conceito de alienação em suas obras, ocorrendo uma abrangência e aplicabilidade do conceito. O conceito passa a abarcar uma esfera maior, que determina todo o ser social do homem, em todas as esferas da sua vida, embora cada escrito foque aspectos diferentes, como afirma Sánchez Vázquez (2011, p. 433):

Nos *manuscritos*, portanto, desempenha um papel primordial a relação pessoal, subjetiva, do trabalhador concreto, singular, em relação ao seu trabalho e seus produtos, assim como o modo como é afetado esse trabalhador concreto como homem, isto é, em sua condição e valor humano. Em *O capital*, essa relação é suposta e, inclusive, em algumas ocasiões, exposta; Marx, com efeito, não deixa de mostrar às vezes como é afetado o trabalhador concreto, singular, como homem, isto é, em sua dignidade humana.

Em sua obra de Maturidade: *O capital*, Marx trata a alienação de maneira diferente, do que trata em sua obra juvenil: *Manuscritos econômicos-filosóficos*. A alienação no Capital

ganha toda uma estrutura, passa a caracterizar aspectos mais amplos. Ele ainda continua tratando da alienação em sua conjuntura com o trabalho humano, porém em *O capital*, o conceito de alienação acaba adquirindo uma riqueza de detalhes, principalmente envolvendo a mercadoria e o dinheiro. É perceptível um aprofundamento e uma expansão do conceito no decorrer da obra de Marx.

A dimensão da alienação a partir de *O capital*, não se restringe somente ao trabalho, trabalhador e produto desse trabalho, ela se amplifica para todo tipo de relação social, que logicamente é determinada por uma relação socioeconômica alienada. Como afirma (Sánchez Vázquez (2011, p. 435):

Se nos manuscritos o produto nega a essência humana do produto, em *O capital* o objeto-mercadoria oculta a essência social nele objetivada. E se no primeiro caso o produto do trabalho faz do sujeito um objeto ao que domina, no segundo a mercadoria coisifica uma relação social.

A noção de alienação é trabalhada também por Kosik, porém ele utiliza o termo pseudoconcreticidade para tratar desse assunto. Logicamente que não se está afirmando que alienação e pseudoconcreticidade são as mesmas coisas, porém fica claro na definição de Kosik que o mundo da pseudoconcreticidade, isto é, um mundo que aparentemente para o indivíduo, parece ser concreto, quando na verdade carrega as contradições da alienação, esse mundo não é verdadeiro.

No conceito de pseudoconcreticidade, observa-se sua semelhança com a alienação (*Entfremdung*) de Marx. Para Kosik, a pseudoconcreticidade é um mundo de aparências, superficial, onde a realidade é fixada. Esse mundo na verdade é cômodo, pois tudo é natural, íntimo e familiar, esse mundo da pseudoconcreticidade carrega o cotidiano, de maneira suave e imperceptível. Kosik (1976, p. 11), afirma:

O complexo dos fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana, que, com a sua regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural, constitui o mundo da pseudoconcreticidade.

Na visão da dialética do cotidiano, a alienação do trabalho, esta na base de toda a alienação, dela parte os outros tipos de alienação. O trabalho e conseqüentemente as relações econômicas estão deturpados. O capital, dinheiro e tudo que envolve as relações econômicas,

acabam por dominar o homem que é na verdade o seu produtor, por fim o capital passa a produzir e dominar o homem totalmente.

O capitalismo, e mais especificamente o dinheiro, se tornou tão poderoso que acabou por manipular direta e indiretamente o homem, assim como um ventríloquo, manipula e domina seu boneco. O dinheiro é também permutável por tudo, ele compra “tudo”, logo tudo o que o homem produz em todas as esferas da vida, sofre essa influência mercadológica. Mézáros (2016, p. 21) enfoca essa característica em Marx, desde os *Manuscritos de Paris*:

Nos *Manuscritos de Paris*, Marx delineia as principais características de uma “ciência humana” nova e revolucionária – por ele contraposta à universalidade alienada da filosofia abstrata, por um lado, e à fragmentariedade e parcialidade reificadas de “ciência natural”, por outro – do ponto de vista de uma grande ideia sintetizadora: “a alienação do trabalho” enquanto a causa que está na raiz de todo o complexo das alienações.

O trabalho para Marx, não é somente a questão mecânica, como o senso comum atualmente pensa, ele traz consigo, em sua produção, a humanidade toda do homem. Por meio do trabalho o homem transforma a natureza, a otimiza para o seu conforto e subsistência. Só os humanos podem fazer isso; transformar a natureza para criar e modificar o seu “habitat” é uma característica peculiar da humanidade.

O trabalho é um processo dialético, o homem transforma a natureza, e essa natureza, tanto a não processada como a processada acabam por transformar o homem, permitindo a ele mais criatividade ainda para continuar aperfeiçoando o seu trabalho inicial. Porém no trabalho alienado todo esse processo perde o sentido, pois o homem acaba não se reconhecendo no que faz, como se não estivesse fazendo o que faz. Como afirma Sánchez Vázquez (2011, p. 124):

O trabalho humano, ou seja, a atividade prática material pela qual o operário transforma a natureza e faz emergir um mundo de produtos, mostra-se para Marx como uma atividade alienada, com os traços que já vimos ao caracterizar a alienação em Feuerbach: criação de um objeto no qual o sujeito não se reconhece, e que se lhe apresenta como, algo alheio e independente e, ao mesmo tempo, como algo dotado de certo poder- de um poder que não tem por si próprio – que se volta contra ele.

No trabalho alienado do capitalismo moderno, o trabalhador, só é visto como um mero instrumento produtivo, uma máquina de produzir, um número, não é visto como um ser humano, não é observado em sua essência humana, pois esse tipo de produção acaba por

mutilar essa essência, retira o sentido utilitário da produção, substituindo-o somente por um sentido financeiro e mercadológico.

No trabalho alienado o valor está nos produtos, na quantidade de dinheiro que esses produtos podem produzir. Para Marx, o valor do trabalho está no trabalhador, ele é a fonte do valor, o próprio ser humano deveria se reconhecer assim. O trabalhador deve ver sentido no que faz, o trabalho deve também lhe gerar realização. Sobre isso Sánchez Vázquez (2011, p. 124) comenta:

Cabe, então, perguntar (e é essa a pergunta radical que Marx se faz, nos Manuscritos de 1844) por que, se o trabalho é a fonte de toda riqueza, o sujeito dessa atividade – o operário – se encontra em uma situação tão desigual e desvantajosa com respeito ao capitalista. A pergunta carece de sentido para a economia burguesa, pois o operário apenas lhe interessa enquanto trabalhador, enquanto meio ou instrumento produtivo, ou fonte de riqueza, e não propriamente como ser humano.

Nesse processo da alienação, não só o operário é afetado, mas também o capitalista que possui os meios de produção, pois, através dessa ótica, o não operário passa a enxergar o operário como estando à margem do processo, pois esse trabalhador é apenas uma “peça” que pode ser trocada por outra sem problemas, o capitalista só observa a ação exterior do trabalhador, não percebe sua riqueza como um todo.

Nessa ótica o modo de produção capitalista, causa uma alienação do trabalhador enquanto a sua produção, e também entre o do trabalhador com o seu consumidor (empregador). Os consumidores podem ser tanto o que consome o trabalho do trabalhador, quanto o que consome o objeto vendido pelo capitalista. Toda sociedade está de alguma forma envolvida e alienada por essa relação. Sobre isso Sánchez Vázquez (2011, p. 125) diz:

Na medida em que o não operário vê o operário, sua atividade ou trabalho e seu produto à margem do processo de objetivação de forças essenciais humanas, sua relação com cada um desses elementos da produção é puramente exterior. Desse modo, tanto a relação ativa como a passiva com os objetos, tanto a relação teórica como prática com a produção, determina uma alienação do homem.

O trabalho como tal é inerente aos humanos e é positivo, pois através do trabalho o homem vai se humanizando, produzindo a si mesmo, pois afirma o homem como sendo capaz de transformar a natureza para de alguma forma lhe beneficiar, mostra suas capacidades humanas, contrastando com os demais animais. O que é negativo é o trabalho alienado, a coisificação da ação humana e do próprio homem.

A dialética do cotidiano propõe a desalienação do trabalho, como base para a desalienação total, já que a forma de produção material está base de toda a relação social. Se é observável que a alienação veio a existir, então é possível que ela deixe de existir. Ela se daria pela mudança da forma de produção material, por meio de uma produção livre, consciente, e que de fato exponha as potencialidades humanas. Como afirma Heller (2014, p. 16):

Como é natural, os referidos valores objetivos se explicitam em conexão recíproca no interior da cada esfera da heterogênea realidade social; e, do mesmo modo, pode se produzir a desvalorização em cada esfera. A própria produção, por exemplo, pode ser universal, livre, consciente, ou, ao contrário, como ocorre na alienação (*Entfremdung*), especializada, mecânica, escravizada ao salário.

A relação do homem com o trabalho influencia toda a sua estrutura como humano, pois a execução do trabalho, além de deprender de tempo e energia, desgasta psicologicamente o trabalhador, ainda pior fica quando a maior parte desse trabalho (energia) não beneficia o autor e nem a sociedade diretamente, mas sim os donos dos meios de produção.

### **3.2 A alienação, superficialidade do consumo e o mundo das possibilidades**

A alienação age e se desenvolve no cotidiano, deixando-o pobre, destituído de sentido e altera da riqueza do homem também. A riqueza que se encontra nele mesmo e em sua relação com a natureza, a alienação transporta toda essa riqueza para o sentido de possuir dinheiro e mercadorias. Nesse processo, além do homem se tornar pobre materialmente, se torna pobre espiritualmente, pois a alienação impede a exteriorização de sua riqueza.

A criação artística; artes plásticas, cinema, música, entre outros, se tornaram agentes da alienação social, pois esses elementos que seriam riqueza para o homem, passam a transmitir à realidade alienante, e ao mesmo tempo faz escamotear a exploração econômica do trabalhador e as contradições da produção capitalista.

Essa arte influenciada pelo capitalismo causa um entorpecimento, uma sedação, para que os seus “consumidores”, não enxerguem nenhuma realidade a não ser a que é dada imediatamente pela obra, realidade pronta, determinada. Nesse ambiente, onde tudo pode ser vendido e tudo pode ser comprado, onde não existe riqueza alguma, dificilmente existe uma

espontaneidade artística que não seja influenciada pelo mercado. Sobre isso Lefebvre (1991, p. 40) escreve:

Nessa situação, nessa reviravolta da história e na perspectiva que se anuncia, a alienação adquire um sentido profundo. Ela afasta o cotidiano de sua riqueza. Dissimula esse lugar de produção e da criação humilhando-o e recobrando-o com o falso esplendor das ideologias. Uma alienação específica transforma a pobreza material em pobreza espiritual, impedindo que a riqueza seja libertada das relações constitutivas do trabalho criador conectadas diretamente com a matéria e com a natureza. A alienação transforma a consciência criadora (incluindo os filões da criação artística latentes na “realidade”) numa consciência passiva e infeliz.

A força da alienação no cotidiano é tão potente, que aos antigos aspectos dessa alienação vão se acrescentando outros novos, cada novo elemento ou moda surgida na sociedade, quando não nasce para escamotear a alienação, é transformada para tal. Logo que um novo elemento social nasce, é absorvido pelo sistema. Assim se deu com a religião em certa medida, com a política, com as ideologias, com tecnologia, entre outros.

A alienação é uma força brutal e ao mesmo tempo sutil. Através dela os homens só observam vantagens, parece ser um mundo de plena liberdade, tudo pode ser consumido a qualquer hora, a felicidade pode ser adquirida, o capitalismo sempre tem uma solução pra tudo, o bem estar pode ser conseguido, apenas devemos saber o produto que se encaixa nele.

Porém essa produção e consumo desenfreados, apenas escamoteia o verdadeiro problema, que é a satisfação e realização humana através de um trabalho que faça sentido, através de momentos de ócio, lazer não capitalizado, artes, entre outros, esse tipo de sociedade esconde a realidade de que o homem é o criador de sentido e de beleza da vida, e não os produtos.

Nessa sociedade a angustia se faz presente, pois os homens não são o que poderiam ser, pois vivem reduzidos, o potencial criativo neles vive reprimido, e é substituído pelo consumo ou por entretenimento de mídia, porém isso não resolve. Como afirma Lefebvre (1991, p. 104):

O salto do real ao imaginário e do imaginário ao real, ou seja, a confusão entre os planos, não o contenta mais. Que é preciso fazer? Alguma outra coisa. Consumir o satisfaz e não o satisfaz, o consumo é felicidade. O bem-estar e o conforto não bastam para trazer a alegria. Ele se enche de tédio.

Esse tédio é observado, nos altos índices de Depressão e ansiedade que abate a sociedade atual, nunca se produziu tanta riqueza na história da humanidade como no século XX e XXI, porém a um grande custo de desumanização, pois só os produtos consumíveis não resolvem os problemas da condição humana.

### 3.3 A Reificação da mercadoria e o empobrecimento do homem

Para a visão simplista do senso comum, visão esta inserida pseudoconcreticidade, a mercadoria, e de forma simplificada os produtos, são observados no cotidiano apenas como objetos fixos, inanimados, esses objetos representam apenas certa soma de dinheiro, nada mais.

Porém para Karl Marx, essa mercadoria, fruto da produção capitalista, abriga em si um mundo de sutilezas, um mundo enigmático, que esconde a verdadeira essência da mercadoria, todo esse jogo de aparência e essência, tem a ver com o valor de troca (aparência) e com o valor de uso (essência). Isso é refletido nas relações que esses produtos (mercadorias) têm, tanto com outros produtos, como com o mundo humano que os compra, vende e troca. Marx (1985, p. 70) afirma:

À primeira vista, a mercadoria parece uma coisa trivial, evidente. Analisando-a, vê-se que ela é uma coisa muito complicada, cheia de sutileza metafísica e manhas teológicas. Como valor de uso, não há nada de misterioso nela, quer eu a observe sob o ponto de vista de que satisfaz necessidades humanas pelas suas propriedades, ou que ela somente recebe essas propriedades como produto do trabalho humano.

O caráter enigmático da mercadoria reside em sua relação de troca, tanto a troca por outra mercadoria, quanto por uma determinada soma de dinheiro. A mercadoria, na verdade, não é só aquele objeto inanimado, ela traz consigo características sociais do trabalho humano, força e tempo de trabalho. Existe uma relação entre os produtores, que acabam se transformando somente em relação social dos produtos, esse fenômeno é conhecido como reificação da mercadoria.

Na reificação os produtos é que se relacionam, não mais os produtores entre si. Os produtos se tornam “uma coisa”, como se fossem humanos e os humanos como se fossem produtos, apenas máquinas. Sobre isso Marx (1985, p. 71) diz:

O misterioso da forma mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens as características sociais do seu próprio trabalho como características objetivas dos próprios produtos de trabalho, como propriedades naturais sociais dessas coisas e, por isso, também reflete a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social existente fora deles, entre objetos. Por meio desse quiproquó os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas físicas metafísicas ou sociais.

A reificação da mercadoria, portanto é a transformação de todo o processo produtivo social em um mero objeto, é a objetivação do trabalho. Para muitos, quando observam as mercadorias, veem apenas o objeto físico, quando que objetivado, nele está todo o conjunto de relação de trabalho estratificado e alienado.

Toda a riqueza social fica escondida nos produtos, os produtores na verdade se tornam pobres, pois a riqueza social se esvai, não há mais relação social entre os produtores, os objetos tomam esse lugar e se relacionam entre si através da troca, o trabalhador e a riqueza do seu trabalho ficam em segundo plano. Marx (1985, p. 71) afirma:

Em outras palavras, os trabalhos privados só atuam, de fato, como membros do trabalho social total por meio das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio dos mesmos, entre os produtores. Por isso, aos últimos aparecem as relações sociais entre seus trabalhos privados como o que são, isto é, não como relações diretamente sociais entre pessoas em seus próprios trabalhos, senão como relações reificadas entre as pessoas e relações sociais entre as coisas.

Além desse tipo de produção econômica deturpar o sentido do trabalho, e o próprio sentido social do homem, cria uma produção indefinida, pois sua base não é a necessidade e sim a produção pela produção, a produção de mercadorias é que passa a definir as necessidades humanas, e não ao contrário como deveria ser.

Diante disso, o homem e a indústria precisam constantemente se reinventar, precisam se transformar para criarem necessidades novas para a sociedade, a indústria e o homem estão em constante modificação. Como as necessidades são criadas pela indústria, e a indústria quer cada vez mais dinheiro, se torna um círculo infinito, pois a criatividade para “inventar” necessidades para os homens não tem fim.

A indústria da moda exemplifica bem isso. Ela passa a ideia de que você precisa estar constantemente atualizado, nunca deve estar ultrapassado, e para isso acontecer basta consumir alguns produtos que a indústria está atualmente fabricando e pronto, você já é um ser melhor, atualizado, pode ser aceito socialmente. Como escreve Heller (2014, p. 118):

Quem quer então desempenhar adequadamente seu papel não pode se permitir o menor atraso em relação à moda; tem de segui-la passo a passo, tem de submeter-se a seu arbítrio, tanto no sistema consuetudinário geral quanto no vestuário ou nas esferas estéticas da vida (decoração da habitação, sensibilidade artística, etc.). A moda, portanto, é a manifestação alienada da orientação para o futuro, encontra-se em relação necessária com o crescimento da categoria de “papel”.

Os papéis sociais, do qual Heller fala, são os estereótipos do sistema social, esse sistema social é consuetudinário, isto é, baseado no costume da sociedade capitalista. Os papéis sociais em certa medida sempre foram algo habitual para o mundo humano, pois é natural para o homem aprender a conviver socialmente através do aprendizado familiar e social, o homem que quer aprender a viver em sociedade de alguma forma deve imitar outros homens dessa mesma sociedade.

A questão é que na sociedade capitalista, as relações de trabalho, e no conjunto, as relações sociais acabam se cristalizando. A essência dos homens, sua interioridade acabam escondidas pelos papéis sociais que ele representa em sua aparência e exterioridade social. Na sociedade contemporânea, tão importante quanto o nome é a profissão, pois pela profissão se divide de maneira estratificada a sociedade. A essência e o valor dos homens se reduzem ao valor social de sua profissão, ao seu papel social.

Isso causa um empobrecimento tanto em sua exterioridade, quanto em sua interioridade, pois encobre sua riqueza interior. O desempenho de papéis sociais pelo homem evidencia na verdade a alienação, pois o homem não é tratado como homem, mas como um ator que representa um papel na sociedade. Como afirma Heller (2014, p. 122):

Por muito que sejam os papéis desempenhados por um sujeito, sua essência se empobrecerá. Portanto, o conhecimento dos homens é dificultado não apenas pelo fato de que a “exterioridade” em demasia encubra a “interioridade”, mas também porque a própria interioridade se empobrece. Também aqui estamos diante da alienação de uma propriedade característica do homem.

Nessa sociedade o natural é se conformar com os papéis sociais, todos que de alguma maneira, não se conformam ou querem se insurgir contra o “sistema”, acaba por ser taxado como indisciplinados, revoltosos e revolucionários (de maneira pejorativa). Porém aqueles que procuram analisar e refletir nesse conjunto de coisas, não se sente a vontade nesse aspecto alienante.

Podemos identificar quatro atitudes básicas dos homens enquanto aos papéis sociais; há os que se identificam com os papéis, os aceitam sem questionar e se sentem a vontade, há os do segundo tipo, que aceitam em parte, dissimulam, agem segundo o seu papel, porém não se identificam com ele, se mantem lúcidos internamente, mantem a sua personalidade.

O terceiro tipo é o dos que se opõem ao mundo dos papeis sociais, mesmo este representado seu papel, se opõem exteriormente, diferente do segundo tipo, desprezam o mundo dos papéis, porém não desprezam os indivíduos que os representa no cotidiano. O quarto e último tipo são os que se recusam explicitamente os papeis sociais, esses são rebeldes, buscam realizar suas personalidades de maneira autônoma. Como Heller (2014, p. 122) escreve:

No caso daquele que recusa um papel, a categoria “distanciamento” é superada, conservada e elevada a um nível mais alto. Esse homem já não se distancia do papel, nem tenta preservar sua personalidade através do papel, mas a realiza sem inserir-se na ordem dos comportamentos de tipo “papel”. Trata-se sempre de um rebelde, ainda que não necessariamente de um revolucionário.

Desde tempos imemoriais, os humanos cultuam deuses, na antiguidade, cada civilização primitiva tinha uma determinada característica em sua religião, mas uma coisa marca quase todas elas; é o “fetiche”, na língua portuguesa, essa palavra traz a noção de “feitiço”, mas na sua origem latina “*facticus*”, significa; “artificial”. Abbagnano (2000, p. 439) define fetichismo como: “Crença no poder sobrenatural ou mágico de certos objetos materiais”.

A civilização moderna, não deixou morrer esse conceito, no entanto agora, diferentemente da antiguidade, abarca outros significados. Em relação à forma de produção capitalista moderna, esse conceito está ligado às relações de consumo, especificamente em relação às trocas de mercadorias. Sobre essa relação, declara Marx (1985, p. 71):

Por isso, para encontrar uma analogia, temos de nos deslocar à região nebulosa do mundo da religião. Aqui, os produtos de cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas, que mantêm relações entre si e com os homens. Assim, no mundo das mercadorias, acontece com os produtos da mão humana. Isso eu chamo o fetichismo que adere aos produtos de trabalho, tão logo são produzidos como mercadorias, e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias. Esse caráter fetichista do mundo das mercadorias provém, como a análise precedente já demonstrou, do caráter social peculiar do trabalho que produz mercadorias.

O ápice desse fetiche é a forma dinheiro, pois essa forma carrega em si a figura autônoma do “valor”, mesmo que nela não seja possível observar toda a ação humana, a forma dinheiro tem vida própria, pois mesmo que uma cédula de papel e tenha contenha apenas números, ela carregar em si todo um mundo de produção.

### **3.4 O Fetiche da mercadoria e as relações sociais invertidas. O desvio**

Na mercadoria moderna, está corporificado o valor de uso e o valor de troca, é nessa mercadoria que reside o caráter fetichista, pois ela possui duas dimensões; a primeira é a transformação da matéria em objeto, através de tempo de trabalho, a segunda é o objeto que trás em si determinado valor, representa um valor monetário ou de troca, que só subsiste na mente do homem, pois esse valor esconde a objetividade do tempo de trabalho.

Retomando o significado de fetiche, as mercadorias na sociedade moderna, assumem um poder mágico e sobrenatural, mais visível ainda na transformação para a forma dinheiro, pois, o dinheiro na sua forma física (material) tem o poder de comprar (trocar) qualquer objeto, nessa permutabilidade se esconde todo um complexo sistema de valoração, incluindo o tempo de trabalho.

Em uma análise simples do comportamento do homem moderno, também se pode observar como o dinheiro lhe causa uma sensação de poder, sendo usado como status, ter dinheiro é carregar valor. Então se percebe que o dinheiro tanto na forma física como conceitual, tem o poder de a tudo aferir, daí conclui-se que ele é um deus para essa sociedade capitalista, assim como outros objetos o eram para as sociedades primitivas. Como atesta Fleck (2012, p. 151):

O papel do fetichismo, na arquitetura de O Capital, é central. Ele aparece logo no início do livro, na análise da mercadoria, quando se começa a falar de um processo que se desenvolve às costas dos produtores, processo no qual eles tomam parte, mas do qual não têm consciência. Este processo, que nada mais é do que o desenvolvimento da própria categoria do capital, surge precisamente por meio da reificação das relações sociais, reificação esta que se dá pela objetificação fetichista do trabalho abstrato despedido nas mercadorias. Este processo – processo que é feito pelos homens, mas do qual eles não têm controle, não dominam, e pelo qual os próprios homens acabam sendo dominados – faz da sociedade capitalista mais uma sociedade

“opaca”, tal como as medievais, mas sua “opacidade” não se deve ao vínculo religioso que a forma, mas sim ao vínculo mercantil.

Em uma sociedade onde reina o modo de produção capitalista, reina a alienação, como já dito, essa alienação é muito bem observada, no cotidiano, na correria das tarefas e compromissos, no gasto de tempo (cronológico), perdendo tempo (qualidade). Um dos aspectos mais visíveis da escravização do deus dinheiro em relação aos humanos é a escravização pelo tempo. Todos devem trabalhar o dia todo, a semana toda, o tempo todo, tudo tem que ser rápido.

As relações de trabalho na verdade, são acordos por troca de tempo, os trabalhadores vendem seu tempo, e não tanto suas aptidões em si. Diante disso o empregador, usa o tempo do empregado como bem quer, sempre tirando o maior proveito possível, para se obter maiores lucros.

Como afirmado anteriormente, a base da alienação, da reificação e do fetiche da mercadoria, está no trabalho, em toda a sua extensão. No universo do trabalho, reside uma conceituação muito importante para entendermos melhor todas essas relações, se trata do tempo de trabalho, mais especificamente o tempo socialmente necessário para produzir uma mercadoria.

O tempo cronológico (quantitativo) os gregos antigos chamavam de *chronos*, já o tempo qualitativo, chamavam *kairós*. Nesses dois tempos estão relacionados os conceitos de valor-de-troca e valor-de-uso. Para o valor-de-troca, o que importa é o preço, por isso quanto mais produzir melhor, mais venda. Já para o valor-de-uso, o importante é a qualidade, é o quanto a mercadoria cumpre sua função de preencher certa necessidade. Sobre isso Antunes (2018, p. 56) afirma:

Enquanto no universo da mercadoria domina o tempo como tempo cronológico e tudo o que importa é produzir dentro do menor tempo, no universo do valor-de-uso tudo o que importa é produzir com qualidade, por isso, o tempo que domina o valor-de-uso é o tem *kairós*, o tempo necessário e conveniente à produção do melhor e do mais bem feito.

Esse tempo cronológico que domina a contemporaneidade se opõe diametralmente a filosofia dialética concreta, pois esta busca intencionalidade, valorização e sentido no humano e no seu trabalho, diferentemente do tempo *chronos*, que marca essa sociedade contemporânea, com sua valorização abstrata, metafísica, negadora das diferenças.

Essa característica alienante do tempo *chronos* na sociedade atual causa um empobrecimento do homem, em todas as suas dimensões, pois este é tratado de maneira abstrata, é um trabalhador indeterminado e genérico, sua riqueza artística individual é diluída, suas qualidades específicas são ignoradas, ele se torna apenas um ser vivente autômato, genérico no sentido de não ter especificidades. Antunes (2018, p. 91) descreve isso:

A sociedade capitalista, dessa maneira, desenvolve quantitativamente a riqueza e o trabalho destruindo, contraditoriamente, a fonte, a vida e a sensibilidade artística e criadora do trabalhador individual. Ao mesmo tempo em que esvazia de vida e sentido a atividade sensível, produtiva e criadora do trabalhador individual, a sociedade capitalista produz e desenvolve um trabalhador indeterminado, abstrato e genérico, um trabalhador que ao mesmo tempo em que não tem nenhuma habilidade específica, artística e criadora para o trabalho, possui, paradoxalmente, capacidade para realizar qualquer trabalho.

Dois deuses oprimem de maneira impiedosa a sociedade capitalista; o deus *chronos* e o deus *Mamom*<sup>17</sup>, este último é conhecido como o deus dinheiro, esse poder nele observado se dá por que ele é tangível e ao mesmo tempo intangível, diferentemente dos deuses do olimpo, que são somente intangíveis, no dinheiro se pode tocar, acumular fisicamente, entre outros, ele pode ser trocado por qualquer objeto, pois é permutável por tudo.

O segundo deus é este do qual estamos falando o deus *chronos*, ele não se importa com sentimentos, particularidades, singularidades e qualidades, a tudo ele envolve e se faz medida de tudo, os humanos envolvidos por ele acabam alienados e vivendo em um ritmo alucinante de produção e consumo, ignorando suas outras necessidades qualitativas.

O homem dono de si mesmo, deveria agir de modo a governar seu tempo, dar qualidade ao seu tempo, usar o tempo para lhe beneficiar de maneira qualitativa, ao invés disso na sociedade capitalista o homem é dominado pelo tempo, escravizado pelo relógio, e corre atrás de produzir quantitativamente. Ele se torna alucinado, correndo atrás de mais tempo, pois a sociedade é cheia de tarefas quantitativas, que não tem fim. Como afirma Antunes (2018. p. 248):

Os homens agora são aquilo que o tempo suprassensível do ente mercadoria determina. O homem abstrato, suprassensível, socialmente médio e sempre oscilante tomou, por isso, o lugar de todo homem concreto, sensível e particular. Na temporalidade alucinante do ente mercadoria não sobrou

---

<sup>17</sup> Em aramaico, significa “dinheiro”, muitas vezes personificado como um deus, usado para descrever a riqueza material e a cobiça. Jesus Cristo descreve essa divindade como opositora a Deus, Conforme Mateus 6.24.

espaço para a singularidade e a sensibilidade, pois tudo foi devorado pelo suprassensível e pelo tempo médio socialmente necessário da mercadoria.

A superação ou desvio (*détour*) dessa situação de alienação no cotidiano atual é possível de ser superada, porém não é algo simples de se realizar, embora seja factível. A dificuldade de se libertar das amaras alienantes do cotidiano está no próprio cotidiano, pois não é possível sair do cotidiano, mas é possível alterá-lo, sair da cotidianidade alienante. A tarefa então é transformar o cotidiano. Essa transformação deve ser processada de duas maneiras interligadas: uma existencial, que abarca o indivíduo e outra social, que compreende toda a sociedade.

O desvio existencial sobre o indivíduo é necessário, pois a alienação da cotidianidade é refletida na consciência. Todo o estado mental do indivíduo está de alguma forma afetado, toda a sua maneira de experimentar e aferir o mundo está manchada pela alienação.

A transformação da sociedade por meio desse desvio, dessa destruição da pseudoconcreticidade se faz necessária, pois o homem vive em sociedade, constrói sua realidade em sociedade, somente com a transformação existencial, sem gerar impacto na sociedade, a desalienação não é completa, pois as relações sociais ainda permaneceriam as mesmas. Em relação à destruição da pseudoconcreticidade Kosik (1976, p. 78) escreve:

A alienação da cotidianidade reflete-se na consciência, ora como posição acrítica, ora como sentimento do absurdo. Para que o homem possa descobrir a verdade da cotidianidade alienada, deve conseguir dele se desligar, liberá-la da familiaridade, exercer sobre ela uma “violência”.

Essa “violência” que deve ser exercida pelo indivíduo ou sociedade, pode ser compreendida de várias maneiras, entre elas é a produção e consumo de elementos que possuem um teor de humanização, capaz de levar o homem a refletir sobre sua própria humanidade.

Porém não é somente pelo fato do homem ter contato com esses elementos que a desalienação se realizará, é necessário também que tudo isso seja praticado pelo homem e pela humanidade, pois o indivíduo não pode alterar a realidade sozinho, ele está envolvido socialmente com outros indivíduos. Esse desvio ou “violência”, pode se dar através da arte, pois a mesma tem uma grande capacidade de elevação dos sentimentos e da reflexão.

A arte tem essa grande capacidade como veículo que transporta conceitos e significados, porém não quer dizer que toda arte tem essa capacidade, pois geralmente ela está

influenciada pelo capitalismo, e sua intenção intrínseca não é a elevação do humano, mas a submissão do humano. Como afirma Kosik (1976, p. 78):

Em qual sociedade e em qual mundo os homens têm de “transformar-se” em percevejos, cães ou macacos, para que o seu aspecto real possa exprimir-se adequadamente? Sob quais metáforas e similitudes “forçadas” têm de ser *representados* o homem e o seu mundo para que os homens *vejam* a própria face e *conheçam* o próprio mundo? A nosso ver um dos princípios essenciais da arte moderna – poesia, teatro, artes plásticas e cinema – é a “violência” exercida sobre a cotidianidade, a destruição da pseudoconcreticidade.

Essa violência a que se refere Kosik é o desvio existencial necessário para que possamos observar as contradições do mundo contemporâneo que nos cerca. Essa violência a filosofia muitas vezes denomina de estranhamento, é um ponto no qual a reflexão produz no indivíduo um choque de realidade, abrindo a ele uma visão ampla de possibilidades de leitura da realidade.

#### 4 A DIALÉTICA DO COTIDIANO E O MÉTODO NARRATIVO

Toda mudança começa pela reflexão, nada melhor para produzir reflexão do que uma boa leitura, leitura essa que tem a capacidade de produzir certo estranhamento e espanto, que confronta a leitura viciada de mundo que tem dirigido a sociedade contemporânea, uma leitura não crítica quanto à realidade material que vivemos quanto às desigualdades que a sociedade tem produzido daí a importância de leituras que evidenciem a dialética do cotidiano.

Para que essa leitura seja eficaz, deve ser capaz de mostrar as contradições do cotidiano, especialmente as que se referem ao modo de produção material dessa época, produção essa que está na base de toda contradição, deve ser capaz também de evidenciar a caminhada alienante e angustiante que a produção capitalista juntamente com o trabalho alienado vem produzindo no decorrer das décadas.

Para a aplicação desse projeto foi selecionado um conjunto de textos clássicos sobre a dialética do cotidiano, que abordam esses temas acima citados com muita propriedade, logicamente que os excertos usados dessas obras clássicas foram selecionados pensando na idade e maturidade dos alunos. Foram selecionados recortes de mais fácil compreensão, para que não gerasse desinteresse por parte dos alunos, por não compreenderem as construções de ideias e conceitos dos autores selecionados. Assim como afirma Rodrigo (2014, p. 74,75) sobre as seleções de textos filosóficos para uso em sala de aula:

O primeiro cuidado refere-se à seleção dos trechos a serem lidos, que devem ser relativamente curtos, não apresentar dificuldades muito grandes do ponto de vista semântico e conceptual, abordar temáticas que apresentem interesse para o aluno e que sejam do domínio do professor.

Os excertos selecionados são de Karl Marx, Karel Kosik, Agnes Heller e Jadir Antunes, como já descrito na introdução. Esses textos foram escolhidos pois tratam da dialética do cotidiano e possuem forte correlação com a vivência dos alunos, a escolha foi feita pensando no contexto da sala, faixa etária e questões sociais. Pois de outra forma não seria possível ter um alcance desejável.

A intenção é sensibilizar os estudantes para observarem a filosofia, não mais como uma matéria que se resume apenas a contar a história da vida e obra de filósofos, mas que trata de temas que vivenciamos no nosso dia a dia. Estudando essas temáticas e pela

perspectiva da dialética do cotidiano, podemos encontrar caminhos e respostas para questões cotidianas que enfrentamos, e que cujas respostas parecem estarem “escondidas” pela atmosfera acelerada do cotidiano.

Além de ler e refletir sobre os textos vinculados ao contexto próprio de cada aluno, para que a construção do saber seja efetiva, se faz necessária a produção, isto é, a síntese desse diálogo entre o filósofo do texto, o cotidiano observado e o aluno. Desse encontro deve culminar uma construção mais elaborada da visão de mundo.

Para essa construção filosofia proposta aos alunos, foi escolhido o método narrativo como modo de produção textual, pois este contempla perfeitamente esta proposta de construção filosófica.

O conceito de narrativa é muito amplo, o conceito utilizado nesse trabalho não é estritamente o utilizado na literatura, que normalmente é utilizado para se referir a grandes narrativas, o termo aqui está ligado mais ao método de construção dialética de saber utilizando pequenas narrativas.

O conceito aqui utilizado se refere mais ao método pedagógico e ao método de pesquisa, onde o aluno constrói segundo suas capacidades pequenas narrativas, sempre fazendo dialogar o seu cotidiano com o texto ou material proposto pelo professor, o resultado desse processo dialético é uma síntese textual, que aqui é tratado como método narrativo, pois o aluno narra uma construção de pensamento. Sobre o conceito de narrativa como método de pesquisa Paiva (2008, p. 3) escreve:

“uma forma de entender a experiência” em um processo de colaboração entre pesquisador e pesquisado. A pesquisa narrativa mais comum pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno. As histórias podem ser obtidas por meio de vários métodos: entrevistas, diários, autobiografias, gravação de narrativas orais, narrativas escritas, e notas de campo.

Este projeto propõe aos alunos uma construção filosofia na forma de elaboração de narrativas. O método narrativo é um método no qual o aluno vai construindo seu saber através de narrativas escritas, estas narrativas não tem um padrão ou tamanho específico, pois respeita a visão, vivência e capacidade construtiva de cada um. Estas narrativas são construídas a partir de perguntas elaboradas pelo professor, para que se tenha um ponto de partida mais objetivo e para que não haja fuga da temática estudada, podendo o aluno expandir sua

narrativa para além da pergunta se necessário. Nestas narrativas ele vai dialogando e descrevendo sua interpretação do texto ou estudo proposto, segundo suas vivências.

O método narrativo é adequado com esse projeto de pesquisa, pois além dos benefícios que traz, está em sua essência o diálogo, a utilização de uma dialética por parte do leitor, que posteriormente adicionará seu contexto e leitura, elaborando uma síntese dialética, portanto uma dialética. Isso é interessante, pois permite ao aluno construir seu próprio argumento baseado em seus conhecimentos e em sua realidade cotidiana. Como Galvão (2005, p. 330) afirma:

A narrativa, como metodologia de investigação, implica uma negociação de poder e representa, de algum modo, uma intrusão pessoal na vida de outra pessoa. Não se trata de uma batalha pessoal, mas é um processo ontológico, porque nós somos, pelo menos parcialmente, constituídos pelas histórias que contamos aos outros e a nós mesmos acerca das experiências que vamos tendo.

Logicamente, essas narrativas devem e tiveram a orientação do professor em sala de aula, pois sem a orientação se perde o foco do objetivo proposto. O método narrativo, como metodologia, foi encolhido, pois contém os elementos necessários para esse estudo e para a temática tratada nesse projeto, pois o projeto trata da filosofia dialética do cotidiano, nada mais necessário do que o próprio aluno ser um agente ativo e não passivo nessa construção de sua própria leitura.

O método narrativo vem ao encontro também com a dialética do cotidiano, no sentido de não subestimar a realidade e os conhecimentos vividos pelo aluno, pois para a dialética do cotidiano, o conhecimento de senso comum, é a base para a construção de um conhecimento mais elaborado.

#### **4.1 O contexto da aplicação do projeto**

As circunstâncias para a aplicação foram dificultadas devido ao contexto de pandemia de COVID-19. A escola solicitou que fossem feitas atividades por área, então sugeri trabalhar essa temática e outros componentes de ciências humanas me apoiaram. Preparei uma APC Interdisciplinar, pois a temática do projeto e das aulas por coincidência contemplou os outros componentes (História, Geografia e Sociologia). A Escola em 2021 já estava trabalhando as

competências e habilidades da BNCC, no caso trabalhou-se a competência Trabalho. O projeto foi aplicado no 3ºano B, na Escola Estadual Amélio de Carvalho Baís em Campo Grande/MS.

Em Mato Grosso do Sul, o ano letivo de 2021 foi iniciado no modo remoto. Os alunos e os professores não tiveram nenhuma interação presencial. Foi usada para o modo remoto uma plataforma chamada Google Classroom que foi contratada pela secretaria de educação, no período de aplicação a plataforma já era bem conhecida por todos. O trabalho pela plataforma foi produtivo, muito disso devido ao diferencial que essa plataforma tinha, pois a plataforma contratada pelo estado junto ao Google tinha uma gama de recursos maior que a plataforma gratuita.

O projeto foi aplicado, a partir de Agosto de 2021, no 3º bimestre de 2021, no modo híbrido. No modo em questão, os alunos frequentavam aulas presenciais durante uma semana e em outra semana ficavam em ensino remoto em casa, enquanto a primeira turma da sala ficava em casa a segunda turma estava na escola. Cada sala era dividida em duas turmas, que se revezavam.

Para que nenhum dos dois grupos fosse prejudicado, o mesmo conteúdo da primeira semana com a primeira turma deveria ser repetido pelo professor para a segunda turma da semana seguinte, fechando o conteúdo em duas semanas.

As atividades propostas pela escola para o 3º bimestre foram por meio de APC (Atividade Pedagógica Complementar). Trata-se de uma atividade na qual os alunos realizam de maneira remota pelo Google Classroom. O professor corrige a atividade e divulga os resultados pela mesma plataforma. Concomitante, os alunos uma semana sim e outra não compareceram na escola para as aulas presenciais. Cada sala teve cerca de duas aulas presenciais mensais. Na semana não presencial os alunos deveriam se dedicar a desenvolver a APC.

## **4.2 As atividades aplicadas**

A priori, a aplicação do projeto se daria em quatro aulas. Após a leitura, explanação e discussão dos textos, os alunos deveriam escrever as narrativas sobre os textos estudados, expondo nelas as suas leituras e percepções sobre a temática. As narrativas poderiam ser realizadas durante as aulas ou em um momento posterior.

Porém devido às circunstâncias que se abateu (COVID-19), a rede escolar teve que fazer várias adaptações e tudo que envolvia a escola teve que acompanhar essas adequações. Logicamente que a aplicação do projeto de pesquisa teve que ser adaptada para nova realidade. O projeto foi pensado em 2019, quando não se tinha a pandemia, na época pensava-se em aplicar totalmente presencial.

A aplicação foi “híbrida”, pois as aulas também naquele período estavam de maneira híbrida (2020), isto é parte foi aplicada de maneira remota por meio de (APC) e parte de maneira presencial (aulas presenciais).

A forma de devolutiva por parte dos alunos foi através da APC que, como dito anteriormente, é Atividade Pedagógica Complementar. A APC é feita de modo remoto, porém pode ter um acompanhamento do professor de forma presencial.

Outro ponto que foi um grande desafio foi adaptar o conteúdo do projeto para o modo híbrido e para as circunstâncias desse tipo de aula, sem contar o desafio emocional em que os alunos se encontravam no momento. Como já dito a escola solicitou que se fizesse adequação por parte dos professores em todas as matérias, para que o conteúdo se tornasse mais palatável, dadas as circunstâncias do retorno dos alunos, que em sua grande maioria retornou totalmente desanimado.

Para a APC, foi elaborada uma atividade compacta, como sugerida pela escola, porém procurei manter a essência do conteúdo. Coloquei algumas citações dos autores que consta no projeto, com o objetivo de que os alunos tivessem um contato direto com os textos, mesmo sabendo da dificuldade de um aluno do ensino médio em ler esse tipo de conteúdo filosófico.

Foram disponibilizadas algumas charges e figuras para exemplificar melhor a explanação. Logicamente que eles não tiveram somente a APC (modo remoto), durante as aulas além de citar pontos da APC, para explicar e esclarecer levei textos filosóficos como base para as aulas presenciais. Na primeira aula, por exemplo, foi feita uma contextualização geral para que a APC, se tornasse mais clara.

Devido às circunstâncias não se pôde colocar muitas questões, ou questões extensas. Nas duas questões que constam na APC, objetivou-se sintetizar o conteúdo e deixar mais contextual para a realidade dos alunos. Por se tratar de um momento de fragilidade, foi oportunizado nas questões um momento em que os alunos pudessem expor suas visões e leitura, partindo do texto e adicionando elementos dos seus respectivos cotidianos, inclusive em relação aos impactos da pandemia.

A aplicação geral do trabalho aconteceu em duas grandes etapas, a primeira: elaboração e aplicação da APC com o título “O COTIDIANO, O TRABALHO E O HOMEM

PREOCUPADO”, a aplicação da APC foi de modo remoto, devido às circunstâncias já explicitadas.

A segunda parte da aplicação do projeto consistiu em quatro aulas (descritas abaixo) desenvolvidas em sala (modo presencial) sobre várias temáticas relacionadas ao projeto e a APC. A finalidade das aulas foi aprofundar a temática desenvolvida na APC, explanar os conceitos e propor a elaboração de narrativas a partir dos textos apresentados.

### **4.3 APC: O cotidiano, o trabalho e o homem preocupado<sup>18</sup>**

#### **O cotidiano**

O cotidiano é marcado pelo que é comum, acontece diariamente, é o espontâneo repetitivo da vida diária. A vida cotidiana é o reflexo da espontaneidade das atividades comuns do dia a dia, é uma atmosfera natural para o homem. O ritmo fixo das atividades, a repetição rigorosa cria a regularidade das atividades que chamamos de cotidiano, em outras palavras é a vida nossa de cada dia.

A assimilação de modismos, comportamentos e exigências sociais marcam esse cotidiano no aspecto da formatação ideológica, é conveniente que essas atividades cotidianas sejam de certa forma bem assimiláveis, pois se houvesse interrupção para construir ou refletir sobre todas as nossas ações do cotidiano a vida e a reprodução material na forma do capitalismo principalmente, se tornaria impraticável. Como afirma Agnes Heller (2014, p. 47):

Pois, se nos dispuséssemos a refletir sobre o conteúdo de verdade material ou formal de cada uma de nossas formas de atividade, não poderíamos realizar nem sequer uma fração das atividades cotidianas imprescindíveis; e, assim, tornar-se-iam impossíveis a produção e a reprodução da vida da sociedade humana.

Um problema surge quando se é dominado de uma maneira inquestionável por esse cotidiano. Essa dominação que retira do homem o domínio amplo de suas decisões e as delega

---

<sup>18</sup> Atividade entregue aos alunos. Aqui transcrita de forma integral em relação ao conteúdo, há diferenças, da atividade que foi enviada aos alunos apenas em questões de formatação, devido as exigências próprias da escola.

para o automatismo, o submete ao sistema de produção da vida material, ao domínio total do seu ser, inclusive no âmbito psicológico. Esse domínio do sistema capitalista cotidiano, na filosofia marxista pode ser chamado de fetiche da mercadoria. Para essa visão filosófica, esse fetiche seria marcado, pela dominação da mercadoria, simploriamente visualizada pelo domínio dos produtos industrializados sobre o humano, a vida humana. Seria a criatura inanimada que ganha vida e domina aquele que o fez, seu criador.

### Charge sobre o contexto de vida acelerada do século XXI



### O trabalho e o fetiche da mercadoria

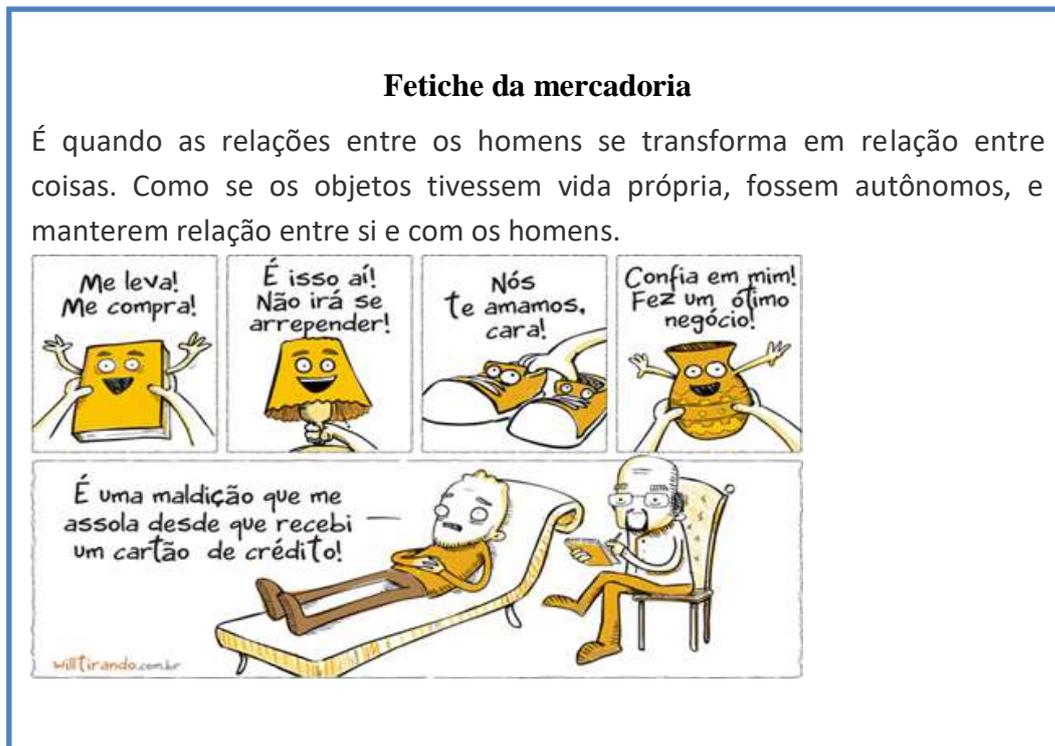
O trabalho nesse cotidiano automatizado evidencia a dominação do mundo da mercadoria, do mundo do dinheiro, sobre a ação humana, pois a conquista de mais dinheiro se dá por meio do trabalho.

Nessa visão, o trabalho só existe para ter dinheiro, nele não há satisfação, realização, pelo contrário o trabalho na contemporaneidade tem sido uma fonte de stress, ansiedade e exaustão. O trabalho tem se tornado para a maior parte da população como uma tortura, se anseia pela sexta-feira, como um retirante no deserto anseia por água.

Nessa atmosfera, o dinheiro é que faz as coisas acontecerem, e não o ser humano que o criou, é ele que determina o ser humano e não o ser humano que o determina, a essa submissão voluntária do ser humano ao dinheiro, a filosofia na visão de Karl Marx (1985) chama de alienação; o homem se deixando dominar por algo exterior a si, material e inanimado, mas com sua permissão se tornando algo animado, com vida.

Assim o homem permite que o dinheiro e a forma de produção capitalista os dominem. O trabalho não mais serve ao humano, mas o humano serve ao trabalho. A alienação seria essa redução do “humano”.

O cotidiano e o mundo do trabalho, além de dominarem todas as esferas da vida, trazem consigo uma pressão psicológica muito evidente na atualidade, o mundo da preocupação. Esse mundo da preocupação, que marca essa sociedade traz consigo muitas consequências, entre elas números altíssimos de pessoas com depressão, ansiedade, entre outros elementos que geram pressão sobre a psique, isso acontece não somente como consequência do sistema de produção capitalista, sabemos que existem questões de cunho pessoal, mas fica evidente que esse sistema contribui muito para isso.



### O homem preocupado

O trabalho na sociedade capitalista traz consigo uma pressão enorme para produzir e para consumir, mais e mais, isso tem gerado uma sociedade ansiosa e preocupada, retirando assim o desfrutar da vida. Vive-se só para produzir (trabalhar) e para consumir, para nada mais. Essa preocupação da sociedade contemporânea é evidenciada pelo filósofo Theodor Karel Kosik:

Na “preocupação” o individuo sempre já está no futuro e se serve do presente como de um meio ou instrumento para realizar os seus projetos. Na “preocupação” como engajamento prático do individuo concede de certo modo um privilégio ao futuro e dele faz a fundamental dimensão temporal, a cuja luz são compreendidos e “realizados” o presente e o passado. O individuo avalia o presente e o passado com base nos projetos práticos em que vive, com base em planos, esperanças, apreensões, expectativas e metas. Como a “preocupação” é antecipação, ela deprecia o presente e tende para o futuro, que ainda não é. A dimensão temporal e o existir do homem como existir no tempo se revelam na “preocupação” como futuro fetichizado e como temporalidade compreendida de modo fetichista: o presente, para a “preocupação”, não é a autêntica existência, o “ser-presente”, mas o átimo, o instante, porquanto a “preocupação” em relação ao presente, já se encontra mais além. Na “preocupação” não se revela a autêntica natureza do tempo humano. O futuro por si mesmo não é superamento do romantismo ou da alienação. Sob um certo aspecto o futuro é, afinal o átimo alienado antes da alienação, isto é, um superamento ilusório da alienação. “viver no futuro” e “antecipar” significam, em certo sentido, negar a vida; o individuo como “preocupação” não vive o presente, mas o futuro; negando aquilo que existe e antecipando aquilo que não existe, reduz a sua vida à nulidade, vale dizer, à inautenticidade Montaigne conhecia bem esta forma de alienação. (KOSIK, pg. 67,68).

Esse ritmo de vida contemporâneo tem desencadeado um “negar a vida”, nos dizeres de Kosik, pois levam as pessoas a nunca viverem o momento, ou elas estão presas ao passado ou presas ao futuro. Pensamentos e dizeres como: “Tenho que estudar para ser alguém.”, como se não fosse alguém agora, “Preciso vencer na vida.”, como se fosse uma corrida, e que só se vence no final e essa vitória é sempre marcada por um ritmo acelerado, pressões para entregar resultados e metas a serem cumpridas.

Os “vitoriosos”, dessa sociedade, estão marcados muitas vezes por não conseguirem dormir, sofrer de ansiedade e depressão, ter que tomar calmantes e soníferos, uma bela vitória que o sistema atual traz para a contemporaneidade, e quando acabar toda a preocupação, já não se vive mais, pois a idade na aposentadoria já não permite praticar diversos esportes e realizar atividades que exigem alta mobilidade. Morre-se para poder viver depois, uma vida que não se pode realizar amplamente.

Como diz Kosik o mundo da preocupação é uma não realização do agora, é alienar a vida para o futuro, que é incerto. O ritmo da sociedade atual é tão acelerado que não permite que se desfrute a vida, pois o sistema de trabalho tem um ritmo que domina todas as esferas da vida.

Romper com essa visão preocupada do cotidiano, deve ser nossa tarefa, amparados pela filosofia, que tem entre seus papéis de se elevar do senso comum para o mundo da Sofia,

da episteme, da criticidade e conseqüentemente da práxis. Isso é uma intervenção intencional, como finalidade de mudar a realidade vivida.

### Figura e charge sobre a questão do homem preocupado



Jornal do Brasil, 19 de fevereiro de 1997.

### Referências (da APC)

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2014.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1976.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Vol. I. São Paulo. Nova cultural. 1985.

**Atividades a serem desenvolvidas:** Leia o texto (abaixo) sobre o cotidiano, o trabalho e o homem preocupado e responda as questões.

1. O texto afirma que vivemos em um mundo preocupado, onde o foco é a produção material

e o consumo, você acredita que o ser humano virou escravo do trabalho e do dinheiro? Que o dinheiro domina o ser humano? (no mínimo 5 linhas).

2. De acordo com o texto, vivemos em uma sociedade ansiosa e preocupada. Como você percebe isso no seu cotidiano? Explique. (no mínimo 5 linhas).

## 5 A APLICAÇÃO DO PROJETO EM SALA DE AULA

A parte central da aplicação do projeto foi feita através de APC, nas aulas presenciais o projeto e os textos do projeto foram explicados e explanados, nas aulas presenciais, o professor fez um detalhamento, leitura dos textos e contextualização da temática, que deveria ser desenvolvida pelos alunos através da APC.

O retorno às aulas presenciais no terceiro bimestre foi um grande desafio, tanto para os alunos quanto para a equipe escolar. Todos estavam receosos, alguns estavam com muito medo de transmissão da COVID-19, já estávamos um ano e meio com o ensino totalmente remoto, voltar presencialmente, mesmo que no modo híbrido foi desafiador.

O estado e a escola tomaram todas as precauções, segundo os protocolos de segurança, mesmo assim muitos pais foram resistentes ao enviar seus filhos, principalmente nas primeiras semanas, houve também certa resistência do corpo docente em relação ao retorno presencial.

Porém, desde a volta no modo presencial-híbrido e posteriormente no quarto bimestre presencial total, a escola não teve nenhum caso de transmissão, tanto os alunos como professores e demais trabalhadores cumpriram satisfatoriamente as regras sanitárias.

Outro grande desafio além do protocolo de segurança, foi em relação a motivação dos estudantes, a maioria queria voltar ao presencial, porém estavam muito abatidos, desmotivados. A escola solicitou que as aulas fossem mais leves, que se conversasse com os alunos para motiva-los e lhe dar esperança. O que de pronto os professores atenderam.

A aplicação do projeto não aconteceu muito como imaginava, pois acredito que a quantidade de aula foi insuficiente, devido ao contexto teve-se que trabalhar as temáticas de maneira menos teórica. Houve a necessidade de que em vários momentos durante as aulas se contasse alguma experiência ou outra história em relação ao assunto, para deixar um pouco mais animada a aula e atrair a participação dos alunos.

Os alunos mesmo nesse contexto de desânimo acolheram a temática, que inclusive era compatível com o tema a ser trabalhado na nova BNCC, que era trabalho, a maioria achou o tema muito pertinente para os dias atuais. Durante as conversas e explanação do assunto os alunos participaram e contribuíram muito, tanto com histórias pessoais como com seus apontamentos e visão dos textos. Isso fica claro na produção deles que está incluída na APC<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> Segue no subcapítulo 6.5 e em anexo algumas narrativas como exemplo das atividades realizadas.

## 5.1 Aula 1: o cotidiano, o trabalho e o homem preocupado

Na primeira aula: registrou-se na lousa a temática que seria trabalhada no bimestre: o cotidiano, o trabalho e o homem preocupado. Coloquei como tópicos os conceitos: 1. Cotidiano; 2. Trabalho; 3. Fetiche e reificação da mercadoria e 4. O homem preocupado e a alienação.

Explanei sobre a temática e sua relação com a contemporaneidade, conversou-se com os alunos sobre a importância de estudarmos essa temática e como o entendimento desses conceitos tem implicação direta na nossa compreensão da realidade que se vive.

Descrevi como seria desenvolvido o projeto, como seria a elaboração da atividade por parte dos alunos. Conversei com eles sobre como funciona o método narrativo, como se pode desenvolver a leitura da realidade e descrevê-la como narrativa.

Sobre o conceito de cotidiano, iniciei perguntando para os alunos o que é o cotidiano. Vários participaram com suas respectivas perspectivas, foi dito a eles que suas respostas eram válidas, pois eram suas perspectivas, suas leituras, em seguida adicionou-se ao conceito a perspectiva de Karel Kosik e Agnes Heller, gostaram muito da perspectiva desses autores.

O conceito trabalho gerou mais agitação, burburinho. Quase todos queriam falar ao mesmo tempo, houve a necessidade de interromper a fala de alguns e pedir que falassem um de cada vez. Estabeleceu-se uma ordem de fala (sequência). É notável que o conceito trabalho gerou um pouco mais de agitação, pelo fato de o conceito que passou, segundo autores, trazer uma perspectiva pessimista e não somente otimista. Alguns disseram que nunca tinham parado para pensar sobre a perspectiva negativa do trabalho na sociedade capitalista, disseram que não tinham visto isso em nenhum lugar.

Quando ia tratar dos outros conceitos que tinha colocado na lousa, percebia-se que o tempo seria insuficiente, pois a participação e debate dos alunos sobre os dois primeiros conceitos, principalmente sobre trabalho se delongou mais do que o esperado. Abordei rapidamente sobre fetiche, reificação e alienação e foi dito para eles que nas próximas aulas seria trabalhado esses conceitos. Mesmo não tendo tempo para desenvolver o planejado, foi satisfatório, pois a participação dos alunos foi muito boa.

As questões que os alunos mais levantaram foram em relação ao trabalho, como: segundo a visão de Marx como o trabalho poderia ser diferente do que é atualmente? Seria mais prazeroso caso não houvesse a opressão dos meios de produção? Etc.

Fui aproveitando as questões levantadas para trazer elementos do texto, em alguns momentos devolvia as perguntas para eles pudessem refletir e formular uma resposta, gostei muito das respostas, estavam dentro do contexto da aula, percebi que muitos alunos estavam ansiosos para falar de suas experiências e de como observavam a realidade a partir da leitura. Um aluno me disse que já havia observado as questões apresentadas no texto, porém nunca tinha lido algo que as confirmassem.

## **5.2. Aula 2: o cotidiano e o trabalho**

Nessa aula presencial coloquei na lousa o conceito de cotidiano e sua relação com o trabalho na visão dos autores, da bibliografia do projeto. Retomei de onde tinha parado na última aula, pois foram um pouco polêmica as conversas. Porém foi dito a eles que após a leitura do texto que seria apresentado ficaria mais claro alguns pontos.

Havia em mãos cópias da página 47 e 48, em folha A4 do excerto que está citado logo abaixo. As cópias foram distribuídas aos alunos e foi explicado do que se tratava o texto, quem era o autor e em que contexto foi escrito o texto.

Fizemos a leitura de um excerto sobre o conceito de cotidiano na visão de Hagnes Heller, autora que consta na bibliografia. O excerto lido com os alunos e explanado pelo professor é um texto já citado na APC, porém na APC, para não ficar muito extensa, devido às exigências da escola, colocou-se uma citação reduzida, no entanto o excerto da leitura foi um pouco mais longo, para ampliar o conceito e conseqüentemente o entendimento por parte dos alunos. Cada aluno que queria teve a oportunidade de ler uma parte do texto, isso favoreceu para que fosse mais participativa. Segue o excerto:

A característica dominante da vida cotidiana é a espontaneidade. É evidente que nem toda atividade cotidiana é espontânea no mesmo nível, assim como tampouco uma mesma atividade apresenta-se como identicamente espontânea em situações diversas, nos diversos estágios de aprendizado. Mas, em todos os casos, a espontaneidade é a tendência de toda e qualquer forma de atividade cotidiana. A espontaneidade caracteriza tanto as motivações particulares (e as formas particulares de atividade) quanto as atividades humano-genéricas que nela tem lugar. O ritmo fixo, a repetição, a rigorosa regularidade da vida cotidiana (que se rompem quando se produz a elevação acima da cotidianidade) não estão absolutamente em contradição com essa espontaneidade; ao contrário, implicam-se mutuamente. A assimilação do comportamento consuetudinário, das exigências sociais e dos

modismos, a qual, na maioria dos casos, é uma assimilação não tematizada, já exige para sua efetivação a espontaneidade. Pois, se nos dispuséssemos a refletir sobre o conteúdo de verdade material ou formal de cada uma de nossas formas de atividade, não poderíamos realizar nem sequer uma fração das atividades cotidianas imprescindíveis; e, assim, tornar-se-iam impossíveis a produção e a reprodução da vida da sociedade humana. Mas a espontaneidade não se expressa apenas na assimilação do comportamento consuetudinário e do ritmo da vida, mas também no fato de que essa assimilação faz-se acompanhar por motivações efêmeras, em constante alteração, em permanente aparecimento e desaparecimento. Na maioria das formas de atividade da vida cotidiana, as motivações do homem não chegam a se tornar típicas, ou seja, as motivações em permanente alteração, estão muito longe de expressar a totalidade, a essência do indivíduo. (HELLER, 2014, p. 47,48).

Na primeira aula já havia trabalhado um pouco sobre o conceito de cotidiano, porém sem aprofundar. Nessa aula a intenção era trazer uma leitura mais teórica, técnica sobre o cotidiano, pois a leitura de senso comum, já se domina. Porém a intenção não era destruir a leitura de senso comum, mais usá-la como plataforma para uma leitura mais crítica.

Expus que o que de fato a maioria tinha dito era real, que o cotidiano é sim essa atmosfera robotizada, mecanizada das ações diárias. O que se trouxe de novo, pelo menos para a maioria, segundo minha percepção foi o fato do cotidiano, ser capaz de contribuir, esconder uma possível alienação. É normal ele ser automatizado, porém não pode ser ao ponto de ser irracional, retirar-se a capacidade de crítica, indagação, permitir que ele esconda as contradições e reais motivações do capital.

Explanei que o cotidiano é parte da realidade, porém não toda realidade. Como alguns pediram para deixar mais claro e dar um exemplo. Foi dito que como pessoas, possui-se um corpo físico, que todos enxergam, porém essa matéria que é visível, não é a totalidade. Dentro do corpo, ainda existe outra parte do ser humano, a vida psicológica, sentimentos, razão, entre outros. Não se pode analisar perfeitamente uma pessoa somente pelo seu físico.

Essa analogia criou algum burburinho, pois se citou corpo, sentimentos etc. Alguns já estavam conversando à parte sobre assuntos polêmicos atuais, envolvendo preconceito e discriminação. Houve necessidade de pedir foco para eles, em alguns momentos silêncio, pois uma aluna queria falar. Ela disse: “seria tipo julgar o livro pela capa?”. Confirmei que em princípio sim, mas que precisávamos avançar mais em nossa reflexão.

### 5.3. Aula 3: fetiche e reificação da mercadoria

Na terceira aula desenvolvi os aspectos do fetiche e reificação da mercadoria. Distribuiu-se um excerto em papel sulfite, de Jadir Antunes, assim como foi feito na aula anterior. Coloquei na lousa as palavras fetiche e reificação, perguntou-se o que essas palavras significavam, mas só uns três falaram. Todos falaram da perspectiva sexual da palavra fetiche e que reificação talvez tivesse alguma coisa a ver com rei. Começamos a leitura e disse que quem quisesse poderia ler um trecho. Segue o trecho que lemos:

O fetiche da Mercadoria surge exatamente deste caráter dúplice, relativo, metafísico e contraditório da mercadoria. O fetiche da mercadoria surge da circunstância de que o aspecto sensível e natural da riqueza, o aspecto no qual está mergulhado o ente humano, nunca é visto enquanto tal, enquanto aspecto válido e verdadeiro em si e por si mesmo e fora da relação de troca, mas somente como forma de manifestação e realização de seu aspecto contrário, o aspecto relativo e suprassensível. O fetiche e o misticismo do mercado existem porque a forma sensível, natural e particular da riqueza não se apresenta mais diretamente útil à vida humana. A riqueza tornou-se um mistério para a vida humana na sociedade capitalista porque antes de vir-a-ser diretamente social e útil à vida humana, a riqueza em suas formas sensíveis, determinadas e naturais precisa ser trocada pela figura universalmente alienável e não útil do dinheiro. A dependência da sociedade com o ente dinheiro, com o ente não útil da realidade, com o ente que agora é a única forma diretamente social da riqueza, torna a riqueza, portanto, um mistério indecifrável para o homem comum e os agentes mergulhados na troca. (ANTUNES, 2018, pg. 224).

Não foi fácil desenvolver esse conceito com eles, necessitou-se simplificar a explicação, pois mesmo selecionando uma parte do livro que se entendeu ser para eles de mais fácil compreensão, eles de início parecia que não compreenderam. Em alguns momentos foi preciso dizer para ser mais compreensivo, que as relações de troca pelo valor são criadas pelo mercado, não está intrínseco nas mercadorias. o valor não reside nos objetos ou no dinheiro, pois as pessoas são “maiores” que os objetos e o dinheiro, uma vez que foi a humanidade quem os criou e não o contrário como aparenta na sociedade capitalista.

A partir daí parece que houve uma evolução no diálogo. Alguns alunos confirmaram que realmente percebem essa inversão como real em sua leitura de mundo. Disse que após a leitura do segundo texto, ficaria mais claro o significado dos conceitos. O segundo texto, foi pequeno, porém muito significativo, estava na mesma página do primeiro, era sobre reificação da mercadoria, mais especificamente sobre relações reificadas:

Objetos de uso se tornam mercadorias apenas por serem produtos de trabalhos privados, exercidos independentemente uns dos outros. O complexo desses trabalhos privados forma o trabalho social total. Como os produtores somente entram em contato social mediante a troca de seus produtos de trabalho, as características especificamente sociais de seus trabalhos privados só aparecem dentro dessa troca. Em outras palavras, os trabalhos privados só atuam, de fato, como membros do trabalho social total por meio das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio dos mesmos, entre os produtores. Por isso, aos últimos aparecem as relações sociais entre seus trabalhos privados como o que são, isto é, não como relações diretamente sociais entre as pessoas em seus próprios trabalhos, senão como relações reificadas entre as pessoas e relações sociais entre as coisas. (MARX, 1985, pg. 71).

Explanei sobre as relações sociais e sua inversão, observada na contemporaneidade, observou-se que na sociedade atual as relações sociais foram para um segundo plano, as relações que dominam no primeiro plano são os objetos, produtos. Durante a exposição alguns alunos levantaram a mão para contribuir com a aula, relataram de suas experiências e suas observações, de como as relações familiares tinham sido trocadas por presentes, produtos, a ausência dos pais seria compensada por objetos. Foi dito que tinha sentido as observações deles.

Um aluno contestou a questão de que as relações sociais estão sendo alteradas pelo capitalismo, disse que as relações sociais nunca mudaram durante a História. O ser humano continua o mesmo independente de sua forma de produção. Agradeceu-se sua contribuição para a aula, foi dito que sua leitura era válida e que seria necessário aprofundar mais nisso.

Essa não foi tão satisfatória quanto se esperava. Poderia ter trabalhado de outra maneira os conceitos, embora os conceitos não fossem de fácil compreensão, demandando mais estudo e tempo de aula. Os alunos não compreenderam tão bem quanto eu imaginava que compreenderiam.

#### **5.4. Aula 4: a alienação e o homem preocupado**

Nesse projeto, a última e quarta aula foi trabalhada com o conceito do homem preocupado como aspecto da alienação. Fez-se a leitura do texto que está na APC, sobre o assunto. Algumas questões já lhes eram familiar, pois antes das aulas já havia passado a APC, alguns já haviam feito antes do prazo inclusive, pois a APC tinha dois meses para ser realizada. A questão do homem preocupado e as questões sobre trabalho já estavam bem

claras. O desafio da aula ficou mais para o conceito de alienação. Segue o texto que lemos para a aula:

Na “preocupação” o individuo sempre já está no futuro e se serve do presente como de um meio ou instrumento para realizar os seus projetos. Na “preocupação” como engajamento prático do individuo concede de certo modo um privilégio ao futuro e dele faz a fundamental dimensão temporal, a cuja luz são compreendidos e “realizados” o presente e o passado. O individuo avalia o presente e o passado com base nos projetos práticos em que vive, com base em planos, esperanças, apreensões, expectativas e metas. Como a “preocupação” é antecipação, ela deprecia o presente e tende para o futuro, que ainda não é. A dimensão temporal e o existir do homem como existir no tempo se revelam na “preocupação” como futuro fetichizado e como temporalidade compreendida de modo fetichista: o presente, para a “preocupação”, não é a autêntica existência, o “ser-presente”, mas o átimo, o instante, porquanto a “preocupação” em relação ao presente, já se encontra mais além. Na “preocupação” não se revela a autêntica natureza do tempo humano. O futuro por si mesmo não é superamento do romantismo ou da alienação. Sob um certo aspecto o futuro é, afinal o átimo alienado antes da alienação, isto é, um superamento ilusório da alienação. “viver no futuro” e “antecipar” significam, em certo sentido, negar a vida; o individuo como “preocupação” não vive o presente, mas o futuro; negando aquilo que existe e antecipando aquilo que não existe, reduz a sua vida à nulidade, vale dizer, à inautenticidade Montaigne conhecia bem esta forma de alienação. (KOSIK, pg. 67,68).

Ampliamos a ideia com a leitura de texto de Agnes Heller, que trata da alienação e as possibilidades. Esse texto foi escolhido, por que não basta somente analisarmos a alienação e a realidade fetichizada do meio de produção vigente, mas temos que ponderar sobre as possibilidades de possíveis soluções. Além de visualizar as contradições é preciso também visualizar o desvio (*detour*), a transcendência da alienação, a elevação do indivíduo. Como afirma Heller (2014, p. 56, 57):

Todos esses momentos característicos do comportamento e do pensamento cotidianos formam uma conexão necessária, apesar do caráter aparentemente casual da “seleção” em que aqui se apresentam. Todos têm em comum o fato de serem necessários para que o homem seja capaz de viver na cotidianidade. Não há vida cotidiana sem espontaneidade, pragmatismo, economicismo, ondulogia, precedentes, juízo provisório, ultrageneralização, mimese e entonação. Mas as formas necessárias da estrutura e do pensamento da vida cotidiana não devem se cristalizar em absolutos, mas têm de deixar ao individuo uma margem de movimento e possibilidades de explicitação. (isso tem grande importância para o que diremos mais abaixo). Se essas formas se absolutizam, deixando de possibilitar uma margem de movimento, encontramos-nos diante da alienação da vida cotidiana. Deve-se afirmar, Deve-se afirmar, antes de tudo, que alienação é sempre alienação em face de alguma coisa e, mais precisamente, em face das possibilidades

concretas de desenvolvimento genérico da humanidade. (HELLER,2014, pg. 56,57).

Diante da leitura dos textos surgiram várias perguntas, a mais comum eram em relação ao que seria a alienação. Expus a visão da marxiana de alienação, fazendo uma ponte com a teoria das possibilidades e o cotidiano. Tentei com esse entrelaçamento de visões fazer uma síntese do que já tínhamos trabalhado e da proposta do projeto em si. Alguns alunos disseram que nessa última aula alguns pontos que pareciam obscuros para eles ficaram mais claro.

Conversei com eles que sempre devemos estar abertos a outras visões, nunca se fechar para outros pontos de vista, pois que essa era uma das marcas da alienação - citou-se a diferença entre o senso comum e a episteme ou a *poiesis* e a *práxis*. Foi explicado que não se devemos ficar só no campo do senso comum, mas que precisamos se abrir para a episteme, um conhecimento mais elaborado, crítico, e que para isso devemos nos abrir para as possibilidades. Nunca dar um veredicto sem analisar.

## 5.5 Narrativas dos alunos

Segue alguns trabalhos de alunos do terceiro ano escolhidos de maneira aleatória. A transcrição é integral.

### **Aluno: A**

1. Sim, vivemos em tempos que uma pessoa não pode fazer nada sem o dinheiro, mas isso não é tão atual assim, desde sempre fomos assim, trabalhamos até chegarmos ao estado de exaustão, as vezes nem sempre tão pago. A situação que envolva dinheiro o ser humano é capaz de fazer qualquer coisa, desde uma boa ação até asoes inimagináveis.
2. As situações ocorrentes no meu cotidiano 70% envolve dinheiro, assim como a de qualquer um, com essa pandemia os comércios e trabalhos independentes estão sendo muito afetados. Muitas pessoas então passando fome, não tendo o suficiente para pagar uma conta de luz ou de água, ou até mesmo conseguindo fazer a compra do mês, essa dentre todos os problemas que podemos ter é a mais preocupante, é a que tira o sono de trabalhadores, pensado em como será o dia seguinte. Várias pessoas no mundo não possuem a habilidade de se conter com apenas uma certa quantidade de dinheiro em suas mãos, sempre querendo mais e mais, essas pessoas são as que tiram das mãos dos outros para conseguir sustentar seus caprichos, e isso é o mais comum na sociedade.

**Aluno: B**

1. A conquista de mais dinheiro se dá através do trabalho, nessa visão o trabalho só existe para ter dinheiro, nele não há satisfação, realização, apenas um estresse sem fim trazendo com ele a ansiedade e exaustão. o dinheiro é que faz as coisas acontecerem, e não o ser humano que o criou, essa submissão voluntária do ser humano ao dinheiro, a filosofia na visão de Karl Marx (1985) chama de alienação; o homem se deixando dominar por algo exterior a si, material e inanimado, mas com sua permissão se tornando algo.

2. O trabalho na sociedade capitalista traz consigo uma pressão enorme para produzir e para consumir, mais e mais, isso tem gerado uma sociedade ansiosa e preocupada, retirando assim o desfrutar da vida, vivemos só para produzir (trabalhar) e para consumir, para nada mais. Pensamentos e dizeres como: “tenho que estudar para ser alguém”, como se não fosse alguém agora, “Preciso vencer na vida”, como se fosse uma corrida, e que só se vence no final e essa vitória é sempre marcada por um ritmo acelerado, pressões para entregar resultados e metas a serem cumpridas. Os “vitoriosos”, dessa sociedade, estão marcados muitas vezes por não conseguirem dormir, sofrer de ansiedade e depressão, ter que tomar calmantes e soníferos, uma bela vitória que o sistema atual traz para a contemporaneidade, e quando acabar toda a preocupação, aí já não se vive mais pois a idade na aposentadoria já não permite praticar diversos.

**Aluno: C**

1. Acredito que pelo motivo do dinheiro ser o que nos sustenta, o que hoje em dia precisamos para ter uma vida boa, sem passar nenhuma necessidade, é preciso trabalhar para tê-lo e isso faz com que a gente vire escravo do trabalho diariamente para no final termos o dinheiro que nos fornece tudo o que precisamos. O dinheiro em nossa sociedade é o que move tudo e a todos, envolvendo trabalho, comida e as nossas vidas, então o dinheiro domina a maioria dos seres humanos, o trabalho é um intermediário do dinheiro nos tornando rotineiros e escravos dele.

2. Sou preocupada pois penso mais no meu futuro e em ser alguém na vida, estudar para me tornar alguém e me esqueço de viver o presente, creio que todos os jovens hoje em dia pensem da mesma maneira pois os pais ensinam que sem o estudo você não será nada, nos tornando inseguros e ansiosos para sermos os melhores e sempre estudar. Para arrumar uma

faculdade boa e depois um emprego bom, uma família boa. Focar no futuro, deixando passar uma fase incrível da vida para completar os projetos futuros.

**Aluno: D**

1. Sim, na qual é evidente que na sociedade atual, muitos dos indivíduos trabalham dia todo e sendo alienado por ele, uma vez que, as pessoas trabalham sem tendo vontade mesmo naquele que está fazendo, mas trabalha com objetivo de tornar alguém rico, que é o que todos os trabalhadores pretendem ser um dia, e esse padrão que a sociedade impõem, acaba fazendo com que a população sendo escravo do trabalho.
2. Sim, é bem perceptível na sociedade atual, na qual muitos dos indivíduos passam a vida inteira estudando ou dedicando em outras coisas, com intuito de ser alguém de sucesso na vida, e quando não é alcançado o objetivo, muita das vezes gera muita depressão, ansiedade e desesperança na vida, parecendo que ter sucesso na vida é algo muito importante e que para alcançar esse objetivo poderia se sacrificar muito.

**Aluno: E**

1. Sim. Vejo isso pela representação do trabalho nos dias de hoje, e também pela questão do status social, realmente o trabalho está se tornando algo cada vez mais indesejável, sendo fonte de estresse e ansiedade, e apenas trabalhamos para obter o dinheiro e realizar atividades que consideramos prazerosas, como consumir, e como consumimos, como se recebêssemos o pagamento esperando por esse momento, vivendo nossas vidas para consumir e apenas sentir essa felicidade quando o fazemos.
2. Sim. Acredito que percebo mais isso em mim, pois estou estudando para as provas desse ano, e há uma constante pressa, uma constante pressa de ir para faculdade, conseguir me formar, ganhar dinheiro, trabalhar muito e conseguir realizar as coisas que eu tanto quero. O mundo vai te bombardeando com isso, por que há sempre alguém melhor que você, há sempre alguém que na sua idade já tem tudo o que você quer, a questão das redes sociais, da comparação, do sentimento de ser inútil, de estar perdendo os “melhores anos” da sua vida se você não é uma pessoa produtiva, de ter sempre algo faltando e nunca se sentindo o suficiente nas coisas que você faz.

**Aluno: F**

1. O dinheiro se obtém trabalhando, sob essa visão, o trabalho existe apenas para conseguir dinheiro, não há nenhuma sensação de satisfação ou realização, pelo contrário, o trabalho é

motivo de estresse, ansiedade e cansaço.

O dinheiro é o que faz as coisas acontecerem, e não o ser humano que o criou, é ele que determina o ser humano e não o ser humano que o determina. Na visão de Karl Marx isso é chamado de alienação, o ser humano permite-se ser alienado por si mesmo, sendo dominado por materiais inanimados.

2. O trabalho da sociedade capitalista tem trazido crescentes pressões de produção e consumo, e uma sociedade cada vez mais ansiosa e preocupada, eliminando assim a alegria de viver, vivendo apenas para produção (trabalho) e consumo, nada mais. Pensamentos e provérbios como: "devo estudar para ser alguém na vida", como se já não fosse alguém nesse instante, "Preciso vencer na vida", como se isso fosse um jogo, da qual você vence no final e essa vitória é sempre marcada pelo ritmo acelerado, pela pressão para entregar resultados e pelos objetivos a serem alcançados.

Os "vitoriosos", dessa sociedade, estão marcados muitas vezes por não conseguirem dormir, sofrer de ansiedade e depressão, ter que tomar calmantes e soníferos, uma bela vitória que o sistema atual traz para a contemporaneidade, e quando acabar toda a preocupação, aí já não se vive mais pois a idade na aposentadoria já não permite praticar diversos esportes e realizar atividades que exigem alta mobilidade, morremos para poder viver depois, uma vida que não podemos realizar amplamente.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de filosofia no Brasil tem uma trajetória desafiadora. É marcado por muitas dificuldades, tanto no campo metodológico e mais ainda no campo político. O ensino de filosofia carrega em si a dificuldade na alfabetização, pois no Brasil o número de analfabetos funcionais é grande, pois atingem capacidade em leitura, o que os permitem ler um texto, porém não conseguem interpreta-lo.

Tudo isso passa pela visão que o brasileiro tem da educação. Visão essa vem sendo construída há séculos. A pouca importância pela educação e pela leitura, traz consequências significativas para a formação de um cidadão. O ensino de filosofia vai de encontro com todo esse contexto educacional, a dificuldade reside não só na compreensão dos textos em si, mas a partir disso na construção da interpretação, da leitura de mundo.

É um grande desafio também o ensino da dialética marxista, pois em um momento polarizado como o atual, as pessoas, inclusive os alunos tendem a rotular Karl Marx de maneira negativa, mesmo sem conhecer sua produção filosófica, isso pode gerar preconceito e repulsa ao estudar as temáticas. Porém esses preconceitos podem ser quebrados com o diálogo e com a exposição dos textos. Durante a execução do projeto não percebi nenhuma recusa por parte dos alunos em estudar a dialética de Marx, diferentemente do que percebo na sociedade em geral.

Procurei com esse projeto demonstrar que a filosofia é útil para a leitura e mobilidade das pessoas, que a filosofia não é só lermos um texto e refletirmos sobre ele, é também construirmos algo sobre a leitura e reflexão, algo que impacte nossa vida cotidiana, esse também é o propósito da filosofia da Práxis, isso é contribuir para o desenvolvimento do ser humano, para ele desenvolver suas potencialidades, ter relações sociais justas e transparentes.

A filosofia deve contribuir para a transformação pessoal e social, pois se ela se restringir somente a história dela própria, perdeu seu sentido. Esse trabalho além de procurar ensinar conceitos filosóficos, procurou incentivar os alunos a filosofarem, e isso envolvendo o cotidiano vivido por cada um. Procurei trazer a filosofia para junto dos adolescentes, para seus contextos, pois muitos dizem que a filosofia não faz muito sentido pois sempre fala de palavras difíceis de uma realidade distante.

Esse projeto teve a finalidade de trabalhar a dialética marxista na visão do cotidiano, ele se faz necessário, pois há uma lacuna no estudo da dialética marxista na escola. Esse projeto vem com o intuito de ajudar a preencher essa lacuna e dar subsídios e uma visão de

aplicabilidade da dialética marxista na escola para outros professores que se interessarem por esse ensino, visa expandir a visão sobre o estudo da dialética marxista na escola.

Acredita-se que esse projeto é muito relevante para os alunos no contexto atual e de ser aplicado novamente, para que sejam analisadas as múltiplas facetas contextuais. As bibliografias usadas para a leitura e posteriormente para a produção das narrativas são muito relevantes, pois abordam de maneira contextual a dialética do cotidiano.

Percebe-se uma lacuna, tanto nos referenciais escolares, como nos materiais didáticos em relação a esse assunto. Somente pelo fato de levar esses textos para a sala de aula e oportunizar a sua leitura, já se observa um grande avanço, pois essa temática é deixada de lado tanto por escolas como por professores, talvez por desinteresse ou falta de domínio do assunto.

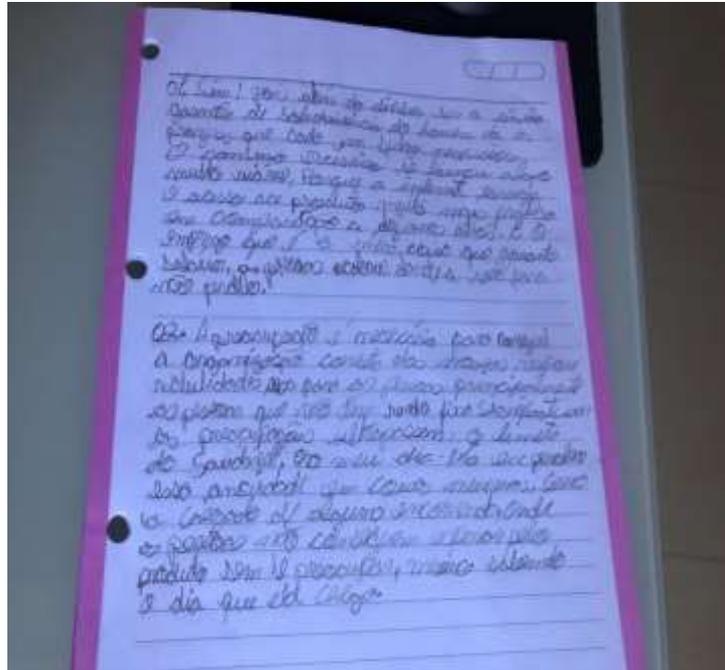
É gratificante propor esse projeto aos alunos, acredita-se que vai impactar positivamente a visão da realidade de cada um. Além disso, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer outras perspectivas além da que estão habituados a observar, possibilita também o enriquecimento de vocabulário e análise dos conceitos.

Pretendo continuar essa pesquisa, aprofundando certos pontos e modificando alguns que no processo se mostraram inadequados. A ampliação dessa pesquisa e da aplicação desse projeto pode gerar maiores contribuições para o ensino de filosofia, especialmente em relação à filosofia dialética de Karl Marx.

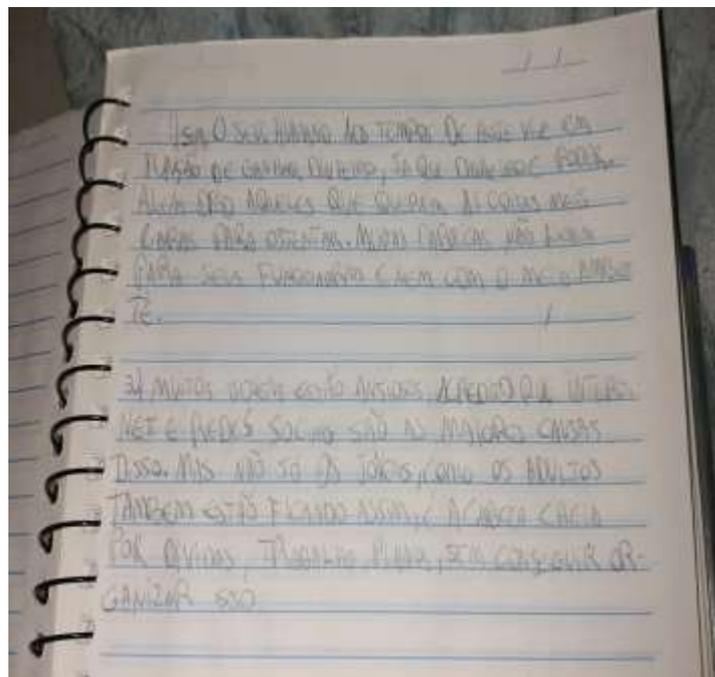
## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo. Martins Fontes. 2000.
- ANTUNES, Jadir. **Marx e o fetiche da mercadoria: contribuição à crítica da metafísica**. Jundiá. Paco. 2018.
- COSTA NETO, Pedro Leão da. **Karel Kosik e o marxismo no leste europeu: notas introdutórias**. Novos Rumos, Marília, v. 49, n. 2, p. 93-104, Jul.-Dez., 2012.
- FLECK, Amaro. **O conceito de fetichismo na obra marxiana: uma tentativa de interpretação**. etic@. v. 11, n. 1, p.141 – 158, Jun. 2012.
- GALVÃO, Cecília. **Narrativas em educação**. Ciência & Educação, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2014.
- \_\_\_\_\_. **Sociologia de la vida cotidiana**. Barcelona. Ediciones península. 1987.
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1976.
- \_\_\_\_\_. **El individuo y la historia**. Buenos Aires. Editorial Almagesto. 1991.
- LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo. Ática. 1991.
- \_\_\_\_\_. **A reprodução das relações de produção**. Goiânia. Edições Redelp. 2020.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Vol. I. São Paulo. Nova cultural. 1985.
- MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo. Boitempo. 2016.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **A pesquisa narrativa: uma introdução**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, Volume: 8, Número: 2, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbla/a/gPC5BsmLqFS7rdRWmSrDc3q/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 20 de jun. de 2021.
- RODRIGO, Lidia Maria. **Filosofia em sala de aula**. Campinas. Autores Associados. 2014.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1968.

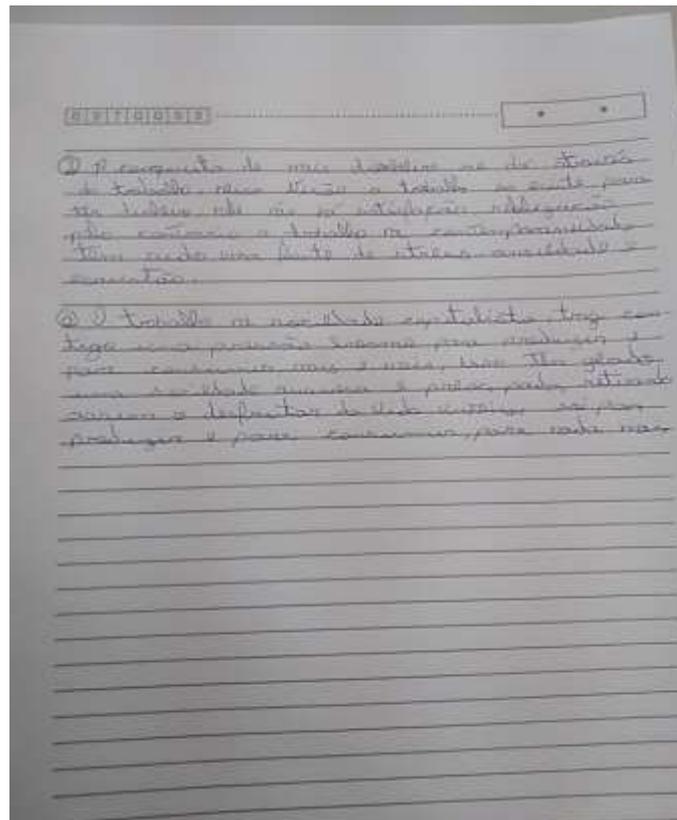
## ANEXO: PRODUÇÕES DOS ALUNOS REFERENTES A APC



Atividade de estudante



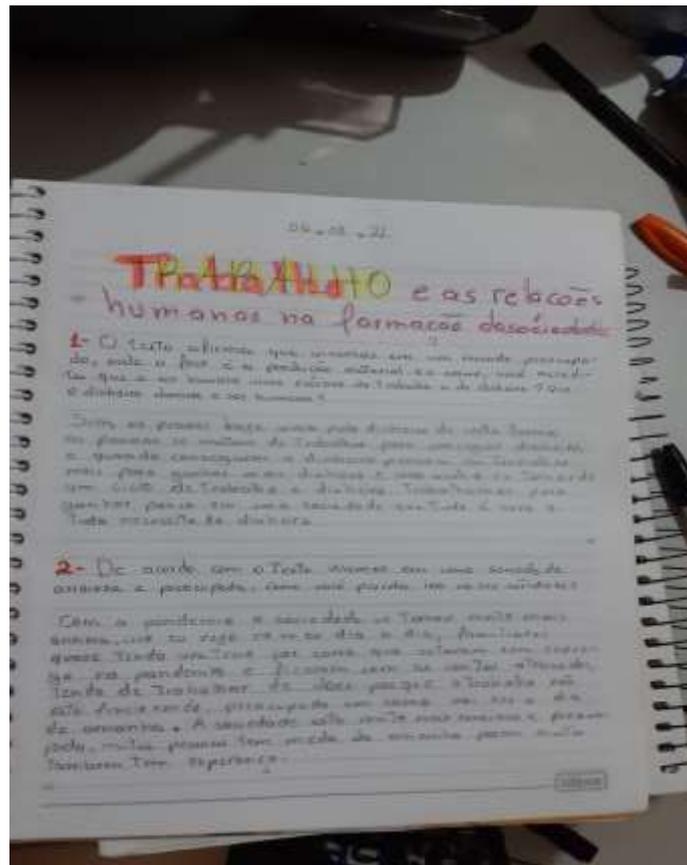
Atividade de estudante



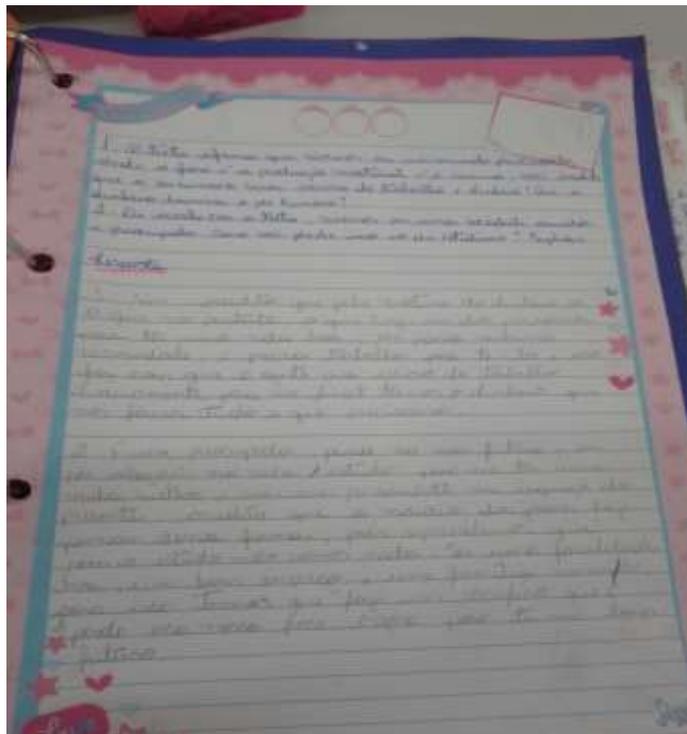
Atividade de estudante



Atividade de estudante



Atividade de estudante



Atividade de estudante